



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

SAMUEL FREITAS HOLANDA

**A CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA NOS EVANGELHOS COMO FIADORA DA
IMAGEM SOTERIOLÓGICA DE JESUS**

FORTALEZA

2015

SAMUEL FREITAS HOLANDA

A CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA NOS EVANGELHOS COMO FIADORA DA
IMAGEM SOTERIOLOGICA DE JESUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística

Orientador: Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

H722c Holanda, Samuel Freitas.
A construção biográfica nos evangelhos como fiadora da imagem soteriológica de Jesus / Samuel Freitas Holanda. – 2015.
94 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Linguística.
Orientação: Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos.

1. Narrativa na Bíblia. 2. Soteriologia. 3. Ethos. 4. Análise do discurso. I. Título.

CDD 401.41

SAMUEL FREITAS HOLANDA

A CONSTRUÇÃO BIOGRÁFICA NOS EVANGELHOS COMO FIADORA DA IMAGEM
SOTERIOLÓGICA DE JESUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Lia Matos Brito de Albuquerque
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Maria Izabel Santos Magalhães
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Cleber e Ana, que dedicaram suas vidas para me ensinar o caminho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de viver, aprender e conhecer pessoas que fazem a vida valer a pena.

Aos meus queridos pais, Ana Lúcia e Cleber Holanda, por todo o amor e ensino, o que sempre foi muito importante para que eu tivesse forças para caminhar e alcançar os objetivos traçados.

Aos meus irmãos, Ismael Holanda e Rafaely Holanda, pelo companheirismo, amor e carinho constantes.

À minha amada esposa, Débora Holanda, pelo amor, incentivo e, principalmente, paciência, compreendendo minhas ausências físicas e mentais durante o processo de escrita.

À minha querida orientadora, professora Sandra Maia, que não imagina o quanto sou grato por todo o ensino, orientação e amizade que tem me oferecido, sem que eu possa recompensá-la.

Aos estimados companheiros do GELDA, Antônio Duarte, Bruno Sales, Dannytza Serra, Dulcilene Barreto, Gezenira Rodrigues, Jani Vidal, Karina Siqueira, Leidiane Tavares, Mayara Rodrigues, Neurielli Cardoso, Patrícia Amorim, Paula Perin e Viviane Oliveira, uma grande família acadêmica, os quais contribuíram para meu trabalho através de reuniões, conselhos e revisões do texto, proporcionados pelo convívio no grupo de estudo.

À Prof^a Dr^a Margarete Fernandes em nome de quem eu estendo meus sinceros agradecimentos a atual coordenadora, Prof^a Dr^a Rosemeire Selma Plantin e todos os professores do PPGL, que contribuíram sobretudo para a minha formação, tanto na Graduação, quanto na Pós-Graduação.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) e do Departamento de Letras Vernáculas (DLV), especialmente à Vanessa, Antônia e Eduardo, pela atenção, gentileza e competência incessantes.

À Banca de Defesa, composta pelas professoras Lia Matos e Izabel Magalhães, que gentilmente aceitaram avaliar esse trabalho.

Ao professor Paulo Mosânio, que esteve sempre disponível, quando de minhas angústias e dúvidas teóricas.

Ao professor Lucineudo Machado, que aceitou avaliar minha dissertação em andamento nos Seminários de Pesquisa e elaborou um parecer que me auxiliou bastante na continuação da pesquisa.

À prezada amiga Ana Paula Rabelo, que também fez contribuições teóricas à minha dissertação e se dispôs a me ajudar sempre que precisei.

Às minhas queridas amigas, Camille Feitosa, Gabriela Alves, Maria Lima e Mayara Ferreira, que sempre me incentivaram, torcendo por mim continuamente desde a graduação.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo fomento, o que foi fundamental para minha dedicação a essa pesquisa.

“Nisto conhecerão todos que sois meus discipulos se tiverdes amor uns pelos outros.”

João 13:35

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar como o conjunto das construções narrativas dos Evangelhos de Mateus e João consolida um projeto de dizer heterobiográfico, que legitima o *ethos* soteriológico de Jesus. Tomamos a noção de *ethos* como uma imagem que o sujeito empreende discursivamente, ligado de modo estrito ao discurso, sem reservá-lo à eloquência judiciária ou à oralidade, mas considerando que qualquer discurso escrito possui uma vocalidade específica, que permitiria relacioná-lo a uma fonte enunciativa (MAINGUENEAU, 2010). Assim, elegemos para a análise desse *ethos* discursivo de Jesus três objetivos específicos que permitiram a operacionalização da pesquisa, os quais são: identificar as características do projeto de dizer narrativo, descrever os mecanismos linguísticos para a construção do *ethos* e analisar de que maneira o *ethos* de Jesus construído pelos escritores em cada evangelho é usado como fiador dessas narrativas persuasivas. Nosso percurso metodológico apresenta os critérios adotados para a seleção, organização e análise do corpus e utiliza uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, tendo em vista que a nossa interpretação obedecerá a perspectiva de Maingueneau. Em seguida, a apresentação dos resultados aponta que, apesar de demonstrarem que possuem muitas características semelhantes aos textos biográficos, o objetivo dos evangelhos ultrapassa o ato narrativo, pois os discípulos constroem um *ethos* soteriológico de Jesus, na tentativa de persuadir o maior número de pessoas a serem devotas do cristianismo.

Palavras-chave: *ethos* soteriológico. narrativa. fiador. evangelhos

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze how the set of narrative constructions of the Gospels of Matthew and John consolidates a heterobiographic saying project that legitimizes soteriological ethos of Jesus. We take the notion of ethos as an image that the subject undertakes discursively, closely linked to speech without reserving it to judicial eloquence or orality, but considering that any written speech has a specific voicing, which would relate it to an enunciative source (MAINGUENEAU, 2010). In order to analyze this Jesus' discursive ethos, we chose three objectives that allowed the implementation of the research, which are to identify the characteristics of the narrative saying project, to describe the linguistic mechanisms for constructing the ethos and to analyze how Jesus' ethos built by the writers in each gospel is used as guarantor of these persuasive narratives. Our methodological approach presents the criteria adopted for the selection, organization and corpus analysis. It uses a qualitative approach of interpretation, since our interpretation obeys Maingueneau's perspective. Then, the presentation of the results shows that, despite the Gospels demonstrate that there are many similar characteristics to biographical texts, their purpose goes beyond the narrative act, for the disciples building a soteriological ethos of Jesus in an attempt to persuade the largest number of people being devout Christianity.

Keywords: ethos soteriological. narrative. guarantor. gospels.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Pergaminho com trecho do Evangelho de João.....	18
Gráfico 1	Percentual da população residente, por grupos de religião. Brasil – 1872/1991.....	37
Gráfico 2	Percentual da população residente, por grupos de religião. Brasil – 2000/2010.....	38
Figura 2	Principais ramificações e igrejas do Cristianismo	42
Figura 3	Publicidade do chocolate Lacta	45
Figura 4	Publicidade do sabão Omo	46
Figura 5	Publicidade da Vivara	46
Figura 6	Batismo de Cristo 1481-1483. Por Perugino, na Capela Sistina, no Vaticano	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
GELDA	Grupo de Estudo em Linguística e Discurso Autobiográfico
NT	Novo Testamento
AT	Antigo Testamento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	DISCUSSÃO TEÓRICA.....	19
2.1	A respeito do gênero.....	24
2.2	O Sagrado como discurso formador do ethos	35
2.2.1	Discurso dogmático.....	41
2.2.2	O ethos e a credibilidade	44
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	50
3.1	Aspectos Metodológicos da pesquisa	50
3.2	Coleta, organização do material e constituição do corpus	51
3.3	Método de Abordagem	54
4	A NARRATIVA DOS EVANGELHOS EM ANÁLISE	56
4.1	O Jesus narrado pelos evangelhos	57
4.2	Do projeto de dizer narrativo	71
5	CONCLUSÃO.....	86
	REFERÊNCIAS.....	90

1 INTRODUÇÃO

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.

João 1:1

A primeira questão com que me confrontei, como estudante de mestrado e aprendiz de pesquisador, ao pensar em realizar um estudo linguístico que utilizasse a Bíblia ou parte dela como corpus do trabalho, foi: como devo tratar esse material que escolhi para análise? Apesar de ser um livro de conhecimento universal, o status de “texto sagrado” que a Bíblia detém no Ocidente parece assustar pesquisadores. Isso porque, ainda na escola, explorar a leitura dos escritos bíblicos causaria muita polêmica, confirmando o senso comum de que religião, futebol e política não se discutem. Se, por um lado, muitos religiosos ficariam ofendidos com a Bíblia sendo tratada como obra literária e ficcional, por outro, com o advento da ciência, há uma crescente rejeição de quaisquer influências religiosas no ensino advinda da ascensão do Estado Laico de Direito. Logo, os escritos bíblicos, assim como os demais escritos de fundamento religioso, vistos como textos dogmáticos, não poderiam receber tratamento histórico ou científico-pedagógico. E esse distanciamento que começa na Escola Básica se intensifica no Ensino Superior, a exemplo dos novos Parâmetros e das novas Diretrizes Curriculares, que trazem a novidade da inserção das questões étnico-raciais, multiculturais e de diversidade de gêneros, mas que não incluem questões religiosas.

Como integrante de uma família de tradição religiosa, de ramificação protestante pentecostal, sempre estive em contato com os textos bíblicos, tanto no ambiente doméstico, como nas reuniões familiares, sociais e na igreja de que sempre fiz parte, e na qual meu pai é, atualmente, presbítero. Como resultado dessa realidade, a história de minha formação pessoal e familiar me encaminhou ao interesse pelo tema que ora pretendo estudar. Na academia, durante os últimos seis anos, algumas situações em sala de aula fizeram surgir uma tomada de consciência científica que não feriu meus preceitos religiosos, mas me levou a adotar um

posicionamento crítico para além do dogmático: a possibilidade e o risco de realizar a análise de textos bíblicos com uma extensa abertura exegética.

Minhas leituras do evangelho sempre foram voltadas para o conhecimento e o entendimento daquele personagem que era pedra fundamental da minha fé: o Cristo de que tanto ouvia falar desde a minha infância. Minha iniciação à leitura bíblica deu-se desde muito cedo, entretanto, apenas na adolescência me foi possível conseguir ler e entender sozinho, tendo em vista que a linguagem utilizada na maioria das versões da Bíblia sempre foi, em geral, de difícil acesso ao leitor incipiente, pois o vocabulário rebuscado, muitas vezes até confuso, e o excesso do uso de hipérbatos nas construções frasais dificultavam a compreensão. Durante a leitura, tomava tudo como verdade absoluta, pois somos ensinados na nossa formação religiosa que todo o relato que há nesses livros sagrados foram divinamente inspirados e não apresentam erros, falhas ou contradições. Logo, nenhum ensinamento aí incluído poderia ser contestado, nem considerada a possibilidade de haver algum erro. Porém, meu primeiro questionamento foi quando tive contato com a noção de valor, de Saussure ([1916] 2012), pois percebi que seria impossível haver uma tradução perfeita de uma língua para outra. Claro que esse questionamento não me fez desconsiderar tudo que havia aprendido ou lido, mas me deu uma visão mais crítica e aguçada dos textos bíblicos, me alertando sobre o cuidado de considerar possibilidades múltiplas em relação a divergências causadas pela interpretação literal desses textos.

No início dessa pesquisa, chamaram-me a atenção as parábolas de Jesus, pois são narrativas alegóricas que possuem uma moral implícita, utilizando a metáfora como uma das estratégias para atingir o objetivo dogmático do gênero. Por isso mesmo, pensei em analisar como Jesus construía sua argumentação nesses textos narrativos, mas um fato importante me impeliu a uma mudança de perspectiva.

Após conversas com amigos da igreja sobre como eles viam os ensinamentos das parábolas aplicados em suas vidas, recebi muitas respostas que não se limitavam às parábolas, dando ênfase também para os atos e discursos de Jesus que podem ser encontrados nos seus sermões, debates e outros gêneros que constituem os evangelhos. Lembrei então que os próprios evangelhos são narrativas

e também detêm um caráter persuasivo, de forma que a narrativa da vida de Jesus serve como um guia para muitas pessoas.

Além disso, quando fomos analisar as parábolas, percebemos que boa parte da persuasão que elas carregam ocorre devido ao ambiente em que Jesus as proferia, e às condições de recepção desse discurso, assunto que se discutirá neste estudo mais tarde. Desse modo, é necessário observarmos os personagens que interagiam no discurso, a situação socio-comunicativa e a intenção de Jesus. Observamos também que um elemento muito importante era a imagem que Jesus projetava durante a enunciação, o que também adiciona força persuasiva ao seu discurso.

Entretanto, também sabemos que o próprio Jesus, diferentemente de Maomé, não deixou nenhum escrito e que todo o discurso a ele atribuído foi escrito por seus discípulos e seguidores, muitos anos após sua morte. Logo, não temos como analisar o discurso de Jesus *ipsis verbis*, mas podemos observar, nas estratégias discursivas utilizadas, como seus seguidores se empenharam em repassar suas ideias e assegurar que elas seriam aceitas através dos séculos. Utilizando discurso direto e/ou indireto enquanto narravam sua vida, não apenas com a intenção de escrever biografias, mas de difundir as ideologias ensinadas por ele, os discípulos lançaram mão de estratégias argumentativas para dar validade aos seus textos. Disso, conhecemos que os discursos atribuídos a Jesus nos evangelhos estão atravessados pelas vozes de cada evangelista, ou até mesmo de suas fontes primárias, já que dois desses evangelistas (Marcos e Lucas) não tiveram contato direto com o próprio Jesus.

Por isso, entre os diversos gêneros que compõem os textos bíblicos, um dos mais importantes e polêmicos são os evangelhos, que basicamente, são a principal fonte de todo o conhecimento que se tem a respeito das realizações de Jesus. Eles foram escritos não só com o objetivo de narrar a vida de Jesus, mas também de espalhar seus ensinamentos e facilitar a expansão do movimento, que ali começava. Entretanto, eles não podem ser considerados apenas uma narrativa de vida, já que possuem um caráter dogmático e incorporam outros gêneros textuais, como a parábola, o sermão, o debate, entre outros. Não há um consenso, entre os que se interessam pelos estudos bíblicos, em relação ao gênero textual a

que pertencem os evangelhos, mas já há estudos que se preocupam em descrever e propor classificações, como POSTAL (2010) e FERREIRA (2006), que veremos melhor mais adiante.

Uma das dificuldades é entender os diversos gêneros presentes nessa obra, além de conhecer o contexto histórico de cada livro. E como sabemos, são no mínimo 66¹ livros, o que deu origem ao seu nome: do grego βίβλια, plural de βιβλιον, (bíblion), que significava "rolo" ou "livro". Assim, é normal que um livro composto por vários outros livros, a partir de memória oral, escritos em várias épocas, recitado por inúmeras pessoas, em um intervalo de milhares de anos possa oferecer grandes dificuldades de análise, principalmente porque precisamos recorrer ao seu contexto histórico e cultural para uma compreensão adequada.

Para Le Goff (2003), a memória coletiva e a história aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. Assim, considerando que não há história sem documentos e que é preciso, pela tradição oral, que tomemos a palavra 'documento' no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido, oralmente, "por imagem, ou de qualquer outra maneira" (LE GOFF, 2003, p. 531), verificamos, principalmente em nossa era de "documentação de massa", que, inseridos numa possível categoria de patrimônio místico, os evangelhos compreendem tanto o sentido de documento quanto de monumento, conforme Le Goff, especialmente no formato de "novo documento" que, expandido para além dos textos tradicionais, deve ser tratado como um documento/monumento. De fato, consideramos que os evangelhos se situam na fronteira entre memória e história, documento e monumento.

Em relação aos escritos que analisamos, há quatro evangelhos na Bíblia cristã, que levam os nomes daqueles que presumidamente são os autores: Evangelho de (São) Mateus, Evangelho de (São) Marcos, Evangelho de (São) Lucas e Evangelho de (São) João. Mas foi a tradição cristã primitiva a responsável por identificar esses nomes, já que nenhum dos evangelhos apresenta assinatura ou identificação do seu escritor. Entretanto, não nos interessa questionar a veracidade da autoria, pois iríamos entrar em muitas questões históricas, por isso não exploramos esse ponto em nosso trabalho. Consideramos que a própria comunidade

¹ Em Bíblias de protestante, são aceitos 66 livros, mas a Igreja Católica aceita 73 e a Ortodoxa aceita 78 livros.

cristã primitiva que recebeu os livros, os nomeou de acordo com os seus remetentes, logo há grandes chances de que a autoria esteja correta. Porém, levaremos em conta que, segundo a tradição cristã, apenas Mateus e João tiveram contato direto com Jesus, logo, seus textos poderiam apresentar impressões mais pessoais a respeito dos eventos narrados, e não apenas relatos baseados nas histórias ouvidas. Portanto, nosso trabalho centrou as atenções especificamente nesses dois evangelhos (Mateus e João), não deixando, porém, de fazer comparações aos outros dois, se necessário. De qualquer forma, levamos em consideração que cada autor, independentemente de quem tenha sido, escreveu com um objetivo: narrar a vida de Jesus e convencer seus interlocutores de suas impressões a respeito dos ensinamentos dele.

Logo, nossa intenção foi caracterizar os evangelhos, antes de tudo, como textos predominantemente narrativos. E a partir daí, averiguar quais estratégias discursivas os evangelistas utilizaram para construir suas imagens de um Jesus Salvador. Dessa forma, chegamos à questão que norteou nossa pesquisa:

- Como o conjunto das construções biográficas dos evangelhos de Mateus e João legitima e consolida o *ethos* soteriológico de Jesus?

Partimos da hipótese de que a imagem de Jesus é usada como fiadora dos evangelhos canônicos, de forma que, ao mesmo tempo em que a construção de uma imagem de um Jesus salvador é o objetivo de cada autor, essa imagem é também quem vai legitimar seus discursos. Temos como prerrogativa de pesquisa o fato de que os evangelhos, sendo conhecidos como revelação divina, não permitem que o cientificismo rejeite os mistérios, que são ensinados nesses documentos. Logo, temos por principal objetivo **analisar como o conjunto das construções narrativas dos Evangelhos de Mateus e João consolida um projeto de dizer heterobiográfico que legitima o *ethos* soteriológico de Jesus**. Isso porque, apesar de alguns trechos desses livros possuírem grandes semelhanças, há diferenças significantes entre os evangelhos, o que poderia revelar intenções e estratégias discursivas diferentes, dependendo do autor, do público-alvo e condições de produção.

Para nos ajudar a alcançar esse objetivo mais geral, estabelecemos objetivos específicos:

1 - Identificar as características do projeto de dizer narrativo construído nos evangelhos em análise.

2- Descrever os mecanismos linguísticos para a construção do *ethos* soteriológico de Jesus;

3 - Analisar de que maneira o *ethos* de Jesus construído pelos escritores em cada evangelho é usado como fiador dessas narrativas persuasivas.

E para atingirmos esses objetivos, partimos dos problemas e hipóteses abaixo elencados:

a) Quais as características do projeto de dizer narrativo dos Evangelhos de Mateus e João?

Hipótese: Os escritores dos evangelhos utilizaram diferentes estratégias discursivas para construir suas narrativas a respeito da vida de Jesus. Nessas narrativas, colocaram suas impressões a respeito do que viram, ouviram ou lembravam da figura de Jesus. Tais construções podem ser tratadas como narrativas biográficas, ainda que não se acredite em tudo o que é narrado. Consideramos que as estratégias discursivas utilizadas pelos autores para narrar a vida de Jesus em seus evangelhos nos ajudarão a entendê-los como textos biográficos.

b) Quais os mecanismos linguísticos utilizados pelos evangelistas para a construção do *ethos* soteriológico de Jesus em cada evangelho?

Hipótese: Existem diferentes construções discursivas da imagem de Jesus em cada evangelho. Porém, consideramos que cada escritor buscou construir uma imagem discursiva que destacasse um *ethos* soteriológico de Jesus, isto é, um *ethos* de salvador. Levaremos em consideração que os discípulos foram influenciados não só pelas suas crenças, impressões e conhecimentos, mas também por seus possíveis interlocutores.

c) De que maneira o *ethos* de Jesus construído pelos escritores em cada evangelho é usado como fiador dessas narrativas persuasivas?

Hipótese: Sabendo que cada imagem de Jesus representada por cada escritor tem características distintas, admitimos que essas diferenças existem com um propósito: cada enunciador buscava legitimar seu evangelho, utilizando o *ethos* então exposto como fiador de suas narrativas. Dessa forma, consideramos que a escolha da face de Jesus representada por cada autor é claramente intencional, funcionando como uma estratégia discursiva para reforçar a persuasão dos seus escritos.

No próximo capítulo, falaremos sobre as teorias que utilizamos para a realização do estudo a respeito das narrativas, tendo como foco os evangelhos. Exploraremos, ainda, as teorias que tratam do *ethos* à luz da Análise do Discurso, apresentando um breve apanhado histórico dos autores que já contribuíram com esse conceito, desde a sistematização dos estudos retóricos por Aristóteles. Discutiremos, também, sobre as características do discurso dogmático, já que os evangelhos fazem parte da esfera desses discursos.

Em seguida, iremos situar nosso trabalho em relação aos métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, de acordo com procedimentos como a delimitação dos dados, a descrição da coleta e análise dos dados.

No último capítulo, apresentaremos análise e os resultados obtidos pela nossa pesquisa, seguido das considerações finais.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

Porque a boca fala daquilo de que o coração está cheio.

Mateus 12:34b

Segundo a crença cristã, toda a Bíblia é inspirada por Deus, tal como se vê em 2 Timóteo 3:16². Deus teria utilizado os autores humanos com diferentes estilos de vida e personalidades para realizar seus propósitos por meio dos textos que eles teriam escrito. Assim surgiram os evangelhos, ou seja, textos que apresentam a vida e as palavras de Jesus, com o objetivo de transmitir e disseminar por toda a Terra a fé cristã.

A figura 1 ilustra um pergaminho que dizem fazer parte do Evangelho de João. O manuscrito foi destruído por um incêndio em 1731, na *Cotton Library*; as folhas do pergaminho foram posteriormente montadas em molduras de papel e integram a British Library (BAÉZ, 2006).

Figura 1 – Pergaminho com trecho do Evangelho de João.



Fonte: British Library (Medieval and earlier manuscripts blog).

² “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para instruir, para refutar, para corrigir, para educar na justiça.”

Não é de nosso interesse neste estudo procurar provas da veracidade acerca dos documentos relativos aos evangelhos, mas estudar sobre as maneiras de os evangelistas vivenciarem essa experiência. Cada um dos autores atribuídos dos evangelhos parecia ter um objetivo específico por trás do que eles escreveram e, realizando seus intuitos, cada um enfatiza diferentes aspectos da pessoa e da obra de Jesus Cristo.

Assim, tendo quatro textos distintos e ao mesmo tempo as mesmas informações de Cristo, é possível visualizar diferentes aspectos de sua pessoa e de sua missão como representante humano de Deus. Cada relato que nos chega em forma de evangelho se adiciona aos outros três, formando uma linha narrativa, que forma uma imagem mais completa do que está além da descrição. Embora jamais compreendamos como a pessoa de Jesus Cristo (João 20:30), graças à junção dos quatro evangelhos, é possível conhecer o suficiente para entender quem é Jesus e o que ele representa por meio da fé. Morin (2013, p. 39), em uma coletânea que o filósofo chamou de “Meus filósofos”, inicia seu texto sobre Jesus, afirmando que, apesar de não ser cristão, sempre se questionou sobre como

[...] uma pequena seita judia desviante, outsider em meio a inúmeras religiões da salvação, que então existiam no Império Romano, tinha conseguido, depois de uma incubação de dois séculos, e enfrentando múltiplas heresias, expandir-se triunfalmente no Império para ali tornar-se, finalmente, a religião oficial” (MORIN, 2013, p. 39).

E o filósofo francês ainda confessa não estar “inteiramente certo de poder elucidar o mistério que é Jesus” (MORIN, 2013, p. 39), porém assume sua admiração pela imagem do judeu, sobretudo pelo sermão da montanha, para Morin a encarnação magnífica do perdão.

A obra de Simon Greenleaf (1847)³, discute as noções de evidência confiável em um Tribunal de Justiça, analisou os quatro evangelhos numa perspectiva jurídica. Ele se deu conta de que a descrição dada pelos testemunhos nos quatro evangelhos, em que os livros concordam entre eles, mas em que cada escritor escolhe omitir ou adicionar detalhes, que outros optaram por incluir ou omitir também, respectivamente, é característico de fontes fiáveis e independentes, que seriam aceites em tribunal como prova. Se os evangelhos contivessem exatamente

³ A obra de Simon Greenleaf, “The Testimony of the Evangelists, Examined by the Rules of Evidence Administered in Courts of Justice” está disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/34989/34989-pdf.pdf>>.

as mesmas informações, com os mesmos dados fornecidos e fossem escritos na mesma perspectiva, pareceria ser uma invenção conspiratória com um objetivo único.

Quer dizer, talvez os autores tivessem se encontrado com a intenção de contar a mesma história para que seus testemunhos merecessem mais confiança. As diferenças entre os evangelhos, mesmo o que parece ser contradição entre detalhes, confirmam a natureza singular de cada narrativa. Portanto, a natureza singular dos evangelhos concorda entre si sobre suas informações, mas difere quanto à sua perspectiva, aos detalhes e aos episódios, que foram aí narrados, indicando que o que sabemos sobre a vida e obra humana de Jesus, tal como apresentados nos evangelhos, é digno de confiança.

Dos quatro evangelistas, o único que usa o termo evangelho para definir seu escrito é Marcos, logo no primeiro versículo: “evangelho de Jesus Cristo”. A palavra Evangelho vem do termo grego *to euangelion*, que significava “as boas novas” e era usado em proclamações imperiais. Foi justamente com esse sentido que os primeiros cristãos chamavam a história que se contava a respeito de Jesus, ainda de forma oral. Os estudiosos do tema acreditam que foi Marcos o primeiro a escrever seu evangelho, e partir dele, os quatro canônicos passaram a ser conhecidos como Evangelho segundo Mateus, Marcos, Lucas e João.

Kermode (1997) explica que, no início, os livros eram lidos de forma individual, já que a Bíblia ainda não existia. E foi a partir do século II que as pessoas começaram a se referir aos evangelhos pelo plural, como um conjunto de livros. Também nessa época que se atribuíram os nomes dos prováveis autores, já que todos os evangelhos são escritos anônimos. Sabe-se que vários outros livros foram registrados sobre a vida de Jesus, mas a tradição cristã rejeitou aqueles que traziam episódios muito discrepantes, selecionando os quatro canônicos, o que não significa que os evangelhos canônicos sejam totalmente compatíveis, pois há divergências conhecidas, as quais consideramos como marca da escrita individual de cada evangelista.

Algumas perguntas podem ser feitas sobre essas narrativas e aqui ilustramos alguns desdobramentos acerca dos percursos realizados pelos evangelistas: afinal a que se prestariam os evangelhos? A qual gênero textual

pertencem os evangelhos? São romances, biografias ou algum tipo de gênero novo? Há outros exemplares desse gênero ou podem ser considerados como exclusivos do cristianismo? É preciso analisar suas características e entender o contexto sociocultural em que foram escritos.

É muito proveitoso e rico um estudo individual de cada um dos evangelhos. Certamente mais rico será, em pesquisas futuras, um estudo comparado em que se possam unir todos os relatos acerca da vida e da condição humana de Jesus. Por exemplo, em Mateus 14, lemos a história de Jesus alimentando 5000 seguidores seus e, após isso, caminhando sobre as águas. Mateus 14:22 nos diz que: "mandou Jesus seus discípulos a embarcar e passar do outro lado, enquanto ele dispersava a multidão". Alguém poderia perguntar: "por que ele faria isso?". Mateus não deixa claro os motivos que teriam levado Jesus a enviar seus discípulos à sua frente, em vez de ir com eles. Mas quando confrontamos com a leitura de Marcos 6, vemos que um pouco antes do acontecido, os discípulos foram enviados a expulsar os demônios e curar pessoas por intermédio de uma autoridade que Jesus lhes dera quando os enviou dois a dois. Por causa dos milagres realizados, eles teriam voltado muito orgulhosos de seus feitos (Mateus 14:15).

Por isso, quando os enviou durante a noite ao outro lado do mar da Galileia, talvez Jesus quisesse lhes revelar duas coisas enquanto eles lutavam contra o vento e as ondas, agarrados a si mesmos até as primeiras horas da manhã seguinte. Segundo o relato bíblico, Jesus teria ido ao encontro dos seus discípulos, andado sobre as águas e, já se aproximando do barco dos discípulos, eles finalmente invocaram seu nome (Marcos 6:48-50). Com a estratégia utilizada, esse⁴ Jesus revela que (1) os discípulos não podem alcançar nada de Deus com suas próprias forças - o que concorda com o "Ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14:6); e (2) nada é impossível quando um devoto clama por Deus e confia em seu poder. Existem muitos exemplos desse tipo, que poderíamos trazer neste documento e que podem ser encontrados pelo leitor atento da Bíblia, que mostrariam o quanto os evangelhos se completam e ajudam a constituir uma história muito enigmática. Em nosso estudo, iremos nos ocupar, entretanto, dos Evangelhos

⁴ Utilizamos o termo "esse Jesus" para deixar bem claro que a análise é a respeito da imagem construída de Jesus pelos evangelistas, e não do Jesus histórico que é tema dos evangelhos.

de Mateus e de João, por intentarmos perceber como estes dois discípulos construíram a imagem de Jesus em suas narrativas, nos evangelhos, com a intenção de torná-los testemunhos críveis da existência do Salvador.

Soteriologia: um conceito a desvendar

A salvação da alma é a finalidade do cristianismo e o propósito de toda igreja cristã. A teologia da salvação se chama soteriologia. A palavra Soteriologia vem de dois termos gregos (ISIDRO PEREIRA, 1998): σωτήριος [sotérios] = salvação, resgate, libertação, e λόγος [logos], = palavra, ou seja, é a doutrina da salvação. Salvação – do latim *salus*, 'saúde', 'segurança', 'bem-estar' – é um conceito religioso que se refere ao processo pelo qual uma pessoa é levada de um estado de agonia a um estado de bem-estar final ou ao bem-estar final que é o resultado deste processo. O significado do termo varia de acordo com as diferentes tradições religiosas e implica a situação do homem e o estado final do bem-estar humano. Ideias de salvação podem ser ou não vinculadas à imagem de um salvador ou redentor ou correlacionada com um conceito de Deus.

O Cristianismo ortodoxo está firmemente convencido de que Deus se tornou homem, para que o homem possa se tornar como Deus. Este conceito de *theosis* nega que a salvação é um resultado positivo em um dilema jurídico, mas um processo de cura. A ortodoxia de opiniões defende a questão de nossa inclinação humana para o pecado como um sintoma de uma doença, que requer tratamento, não somente uma transgressão que resulta em uma punição.

Uma das características peculiares da Igreja Ortodoxa é que ela vê a mensagem dos evangelhos não apenas como a distinção entre o certo e o errado, mas como uma relação. A igreja trata do mistério da Santíssima Trindade em termos de relação de amor entre Deus e os homens. Juntar-se a este amor é conseguir ser conduzido à salvação.

De acordo com Ponga (1999), a salvação não estaria vinculada aos méritos pessoais do homem. Há uma regra (ou prioridade) da graça sobre a natureza humana e seu livre arbítrio. Isso seria confirmado por João, segundo o qual foi Deus “que nos amou em primeiro lugar” (1 João 4:10-19; João 15:5). Logo, o homem, que não é seu próprio criador, não poderia salvar a si mesmo.

Em seus estudos comparativos sobre as religiões, Klostermaier (1973) afirma que as escrituras sagradas declaram na verdade que Deus "quer que todos os homens sejam salvos e atinjam o conhecimento da verdade. Porque Deus é único, único também é o mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem próprio, que se entregou à morte como refém para salvação de todos" (cf. 1 Timóteo 2:4-6). Encontramos a mesma conceptualização em Romanos 4:25, João 14:6, Lucas 3:6, João 4:22 e Atos 4:12. Assim, para o cristianismo, a salvação nos é dada pela graça de Deus e só se torna possível por meio da graça prévia de Deus (Efésios 1:4; Romanos 11:29; Romanos 6:23).

Estas e outras ideias põem a salvação no conceito de que a condição humana é marcada por formas fundamentais de angústia, que impedem as pessoas de alcançarem o bem-estar real e sustentável. A salvação, então, seria o processo pelo qual o verdadeiro bem-estar é realizado.

2.1 A respeito do gênero

Bakhtin (1997) postula que toda forma de comunicação se utiliza de um gênero do discurso, mas na medida em que surgem novos modos de ver e conceptualizar a realidade, o resultado é o aparecimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes (cf. FIORIN, 2006). Logo, não podemos tratar os gêneros do discurso como imutáveis e perpétuos, pois, apesar de estáveis, podem apresentar diversas mudanças dependendo do contexto, das intenções do enunciador, do público-alvo, dentre outros fatores. Na verdade, há ainda muito o que se discutir sobre os gêneros textuais (aqui tomados como tomados no mesmo sentido de gêneros do discurso, de modo que utilizaremos um termo pelo outro, indistintamente), não sendo aceitável que se faça uma análise baseada apenas na caracterização dos aspectos formais e funcionais dos gêneros.

No caso dos evangelhos, temos pelo menos quatro obras com forma e conteúdo muito semelhantes, o que foi imprescindível para que fossem colocadas sob a mesma designação, compondo o início do Novo Testamento da Bíblia Cristã. Há ainda, como mencionamos, os evangelhos chamados apócrifos, que, apesar de não fazer parte do cânone cristão, possuem praticamente a mesma estrutura, mas divergem em pontos polêmicos, por isso foram rejeitados pela Igreja.

A principal característica comum aos evangelhos é que eles são narrativas de episódios da vida e dos ensinamentos de Jesus, não necessariamente testemunhais, pois dois dos possíveis escritores não tiveram contato direto com Jesus. Toda a história gira em torno de Jesus: desde o seu nascimento, até a sua morte e sua suposta ressurreição. Apresentam ainda seus ensinamentos, diálogos, debates e feitos. A preocupação inicial era conservar na memória e divulgar a passagem de Jesus entre eles, acontecimento que causou uma agitação nas terras judaicas. Ainda que tivessem surgido pela tradição oral, foram registrados para facilitar sua difusão e garantir sua perpetuidade, como uma forma de tentar alcançar seus objetivos: anunciar as “boas-novas” através da narrativa a respeito da vida do Messias. Claro que há também intenções dogmáticas e persuasivas, mas isso não pode colocar em segundo plano que os evangelhos contêm/são narrativas de vida, estabelecendo, portanto, a tensão verificada pela presença da narrativa e pela constituição da narrativa mesma a partir da presença de outras formatações textuais (como o sermão e a parábola) que concorrem para a emergência da imagem de Jesus.

Temos estruturalmente uma constelação de gêneros (ARAÚJO, 2006) que colaboram na formatação de uma construção biográfica, mas algumas particularidades dificultam a aceitação de que eles sejam de fato uma biografia, quando colocamos em paralelo os quatro textos sagrados. As discrepâncias, os desencontros históricos entre datas, em especial a do nascimento de Jesus, referências geográficas e climáticas duvidosas, entre outras dificuldades com os textos são apresentados como uma incapacidade de os evangelistas construírem um texto coeso a partir das tradições orais. Vistos, dessa forma, os evangelhos aparentam ser uma colcha de retalhos, composta por diversos fragmentos textuais de procedências variadas (FERREIRA, 2006). Chegaram a ser classificados como baixa literatura, sem nenhuma chance de qualquer comparação com os escritos da cultura literária da época, como afirma Dibelius (1984), um dos fundadores da Crítica das Formas:

A seus autores [dos evangelhos sinóticos] somente se pode considerar escritores no sentido mais amplo do termo, pois fundamentalmente são simples re-compiladores, transmissores ou redatores. Sua atividade consiste sobretudo em transmitir, agrupar e re-elaborar um material transmitido (DIBELIUS, 1984, p. 14, apud FERREIRA, 2006)

Ora, compreendemos que organizar, reconfigurar e reescrever uma narrativa do outro não é uma simples transcrição, pois essa interação não anula a responsabilidade enunciativa de um escritor ou diminui a presença do seu “eu” na escrita. Do mesmo modo, sabemos que todo ato de comunicação não se resume apenas a transmitir uma mensagem, pois mesmo em textos a que chamamos objetivos, é possível haver claramente uma intencionalidade.

Fávero (1986, apud Marchuschi, 2008, p. 127) afirma que “a intencionalidade, no sentido estrito, é a intenção do locutor de produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize na sua totalidade, especialmente na conversação usual”. Para Koch & Travaglia (2009, p.97), “a intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados”. Vemos, a partir dessa perspectiva, que um enunciador pode, por exemplo, tentar escrever de forma puramente objetiva, mas ainda assim seu texto poderá revelar que sua intenção é assumir uma posição neutra, ou não explicitar sua opinião. Ainda que sua intenção seja de demonstrar essa posição neutra ou engajada, o narrador trará no bojo de seu texto a impossível neutralidade. Isso vale a dizer que se mostrar neutro é, ainda assim, assumir uma posição.

Dessa forma, para construir sua narrativa, o enunciador realizará escolhas lexicais, lançando mão do material linguístico disponível, as quais irão variar de acordo com a suas intenções, o tipo de texto escolhido, o público ou a imagem que deseja construir de si. No caso das biografias, entra em jogo também a imagem que o enunciador deseja construir de seu biografado. Ao discorrer sobre a enunciação, Benveniste (2005, p. 289) afirma “[...] a linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas”.

Assim, não se pode reduzir os escritores dos evangelhos a meros compiladores, pois, no ato de organizar e escrever as histórias contadas oralmente a respeito de Jesus, cada um imprimiu sua subjetividade ao relato, que é marcada por uma intencionalidade discursiva. Logo, essas narrativas se revelam mais complexas

do que uma análise superficial poderia mostrar, por esse motivo, iremos utilizar um termo concebido por Delory-Momberger (2008) para caracterizá-las: heterobiografias. Delory-Momberger (2008, p. 60) chama de heterobiografia, “a forma de escrita de si que praticamos quando nos confrontamos com a narrativa de outrem”.

Siqueira (2014), ao fazer uma análise do discurso das mulheres que sofrem violência doméstica a partir de boletins de ocorrência e de relatos de mulheres em um fórum, classifica o boletim de ocorrência (BO) como heterobiográfico, visto que, no processo de escrita, o escrivão transforma um texto autobiográfico em texto documental na terceira pessoa:

No caso específico do boletim de ocorrência, constrói-se a narrativa do fato biográfico, e, ao mesmo tempo, documental no momento em que a relatora narra os fatos biográficos para o escrivão que os escreve a partir das suas impressões e compreensão que faz dos fatos vividos por outra pessoa, no caso, a mulher que sofre violência doméstica (SIQUEIRA, 2014, p. 107).

Assim, tendo em vista que os evangelhos só foram escritos por volta do ano 65 – 100 d.C. e que, antes de serem registradas, as histórias eram anunciadas de forma oral, teremos um emaranhado de discursos que ora se aproximam, ora se afastam, apresentam contradições, falhas e imagens diversas construídas por cada boca que conta, como é natural das histórias repassadas oralmente. Coube ao evangelista compreender, interpretar, filtrar segundo suas memórias e recontar, mas não sem também deixar suas marcas e intenções. Além disso, segundo a tradição cristã, dos quatro prováveis escritores, apenas Mateus e João foram discípulos de Jesus e tiveram contato direto com ele. Isso significa que Marcos e Lucas, para escrever seus evangelhos, teriam que recorrer apenas aos relatos ouvidos, o que tornaria seus evangelhos ainda mais atravessados por essas vozes, pois não tiveram experiências com a história narrada. Devido a essa questão, utilizaremos os Evangelhos de Mateus e João por ser, de fato, uma heterobiografia e não um relato a partir de outra heterobiografia como acontece com Marcos e Lucas.

Adotamos o termo heterobiografia para designar as narrativas em análise, tendo em vista que cada autor escreveu seu evangelho a partir da sua compreensão a respeito dos discursos de outros, imprimindo também sua subjetividade no ato da escrita. Encontramos uma escrita diferente em cada evangelista, pois cada evangelho é feito a partir da compreensão de cada um sobre os fatos vividos a eles

relatados (Lucas e Marcos) ou presenciados (Mateus e João). Dessa maneira, a organização narrativa dos fatos vividos é apresentada de maneira diferente em cada um. Mateus, por exemplo, faz referências constantes às profecias do Antigo Testamento; Marcos ressalta os milagres e maravilhas que o Messias teria feito; Lucas traz um maior detalhamento sobre os fatos relatados da vida de Jesus, como o seu diálogo com o ladrão no episódio da cruz, que ocorre somente na sua escrita; João é o que mais dá ênfase ao lado divino de Jesus, apesar de todos os discípulos concordarem com a origem sobrenatural do Messias.

Dessa maneira, a inteligibilidade biográfica de cada evangelista, ou seja, a influência da “[...] maneira como cada um escreveu a própria vida e a reconta” (SIQUEIRA, 2014, p. 113) traz repercussões nas escritas sobre Jesus e, por consequência, na imagem que cada um tem deste personagem histórico. Podemos, a partir disto, então compreender que a narrativa de vida sobre Jesus é escrita de maneira diferente por Marcos, Lucas, João e Mateus que, sendo também influenciados pelo auditório para quem eles escreviam, pois formulavam a imagem de Jesus de acordo com a comunidade para quem escrevia.

É evidente que por causa desse cruzamento, surgiram as divergências entre os quatro evangelhos, que são usadas por críticos para afastar uma visão biográfica desses textos. Porém, tratarmos esses discursos apenas como literatura seria negar a existência de uma comunidade que tem lido e aceitado como relatos reais, desde a época em que foram escritos. Já existem, por isso, propostas que tentam explicar, por exemplo, a ausência de informações importantes como data e local exatos do nascimento de Jesus, relacionando os evangelhos ao seu contexto histórico e à cultura helenística que dominava aquela região do oriente.

Ferreira (2006) apresenta informações importantes sobre o contexto sociocultural helenista, ao desenvolver a proposta de Moreschini & Norelli (1996), que vincularam os evangelhos à biografia greco-romana, cuja apresentação faremos na seção a seguir.

A biografia greco-romana

Sabe-se pouco sobre as origens da biografia greco-romana, mas acredita-se que seu surgimento tenha ocorrido entre os séculos V a IV a.C. (Momigliano,

1993). Entretanto, somente no final do século V d.C. é que se começou a usar o termo biografia para esse tipo de gênero, antes disso, os gregos usavam o termo *bios* e os romanos, *vita*.

Para Lesky (1969), a biografia propriamente dita surgiu por volta de 350 a.C., com Aristoxeno, discípulo de Aristóteles, que escreveu algumas biografias, como a de Pitágoras, Sócrates e Platão.

Momigliano (1993) explica que alguns fatores da época podem ter influenciado no nascimento desse novo gênero, como o costume das orações fúnebres e dos cânticos em louvor à morte, a paixão da aristocracia grega por árvores genealógicas e o interesse em conhecer a vida dos heróis, poetas e filósofos do passado. Entretanto, muitos textos antigos podem ter sido perdidos, o que dificulta um conhecimento mais aprofundado dos fatos.

Já por volta do século I a.C., a biografia teria chegado a Roma, através de Cornélio Nepo, um historiador romano (MOMIGLIANO, 1993). No império romano, a biografia focou a relação entre a vida e a morte, sendo seu protagonista o sábio, o mártir, o santo, o rei, o escritor e o filósofo (FERREIRA, 2006, p. 128).

Talbert (1988) revela algumas características da biografia greco-romana. Ele começa explicando que os escritores da época se interessavam principalmente por pessoas que fossem “distintas”, “notórias”, como reis, generais, filósofos, figuras literárias, legisladores e santos. O objetivo era tentar expor a essência dessa pessoa. Além disso, buscava-se escrever a vida do biografado com certa seletividade, procurando realçar seu caráter, na maioria das vezes, por meio de uma descrição ética do indivíduo. Outra característica da biografia greco-romana é que nem sempre o relato abrangia desde o nascimento até a morte do biografado. Talbert (1988) cita como exemplo de biografias que não narram nascimento, infância e adolescência dos heróis, as obras *Miltiades*, *Aristides* e *Pausanias*, de Nepo. Já a obra *Vida de Augusto*, de Nicolau de Damasco, relata o nascimento e crescimento do personagem, mas não a sua morte.

Talbert (1988) continua afirmando que o herói era descrito pelas suas ações, mas também pelas palavras sem importância ou gestos insignificantes. Isso significa que não era necessário falar apenas dos acontecimentos mais relevantes

na vida do biografado, o que abriria espaço para as ações e palavras mais banais, porém, que pudessem retratar todos os aspectos da vida do herói.

Podemos encontrar muitas características das biografias greco-romanas nos evangelhos, principalmente por causa do personagem biografado, Jesus, figura misteriosa que foi aclamado como filho de Deus por seus seguidores. Entretanto, apesar de considerarmos interessante a proposta de Moreschini & Norelli (1996), os quais sugeriram que os evangelhos são biografias greco-romanas, não concordamos em limitar os evangelhos a um gênero do passado, pois a presença deles continua influenciando a sociedade atual. Essa classificação reforça nossa hipótese de que os evangelhos são essencialmente textos biográficos, tendo em vista suas características narrativas, suas intenções primordiais e sua aceitação entre seu público-alvo como um gênero textual não fictício.

Uma das críticas que poderíamos fazer à classificação dos evangelhos como biografias são as enormes lacunas que há sobre a vida de Jesus. Por exemplo, os problemas como a ausência de informações pessoais, que pudessem localizá-lo melhor entre as famílias da época. Ou, ainda, o ano em que Jesus nasceu, o local onde está localizada sua sepultura e a duração de seu ministério que não foram especificados. Há, também, um lapso de tempo entre a infância e o seu batismo, voltando à narrativa de seus feitos já na idade adulta. Percebe-se igualmente que nada é dito sobre sua educação, seu desenvolvimento intelectual e a formação de seu caráter. E, até mesmo, pouco é falado a respeito de seus hábitos e costumes, relacionamentos pessoais ou familiares. E, se tivermos maior visão historicista do gênero biográfico, poderíamos apontar os dados cronológicos e geográficos inexatos ou a indeterminação temporal como fatores determinantes para afastar uma possível classificação biográfica para os evangelhos.

Porém, para a construção de nosso objeto de estudo, partimos de uma hipótese de que os evangelhos são construções narrativas. A percepção de historicidade dos evangelhos é diretamente dependente da crença de quem o observa, crença que assumimos desde as primeiras páginas deste documento. Assim, muitos tomam os textos bíblicos como a Palavra de Deus, outros os consideram ficção ou apenas uma narrativa fantástica. Para o observador que está ligado aos textos bíblicos pela fé, construir a história do Nazareno não foi a intenção

dos evangelistas, e nem a maioria dos seus leitores consideram assim; a intenção seria de evangelização por meio do relato de seus milagres. O relato de fatos sobrenaturais, que fogem de uma explicação racional, ou que a ciência não pode pôr à prova, reflete as impressões causadas por Jesus nas pessoas daquela época, ampliadas pela religiosidade dos judeus e pela forma como as histórias foram inicialmente anunciadas. Mesmo se considerarmos que um primeiro evangelho tenha sido escrito ainda na segunda metade do século I, teríamos ainda mais de 20 anos apenas de transmissão oral dos fatos ocorridos (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 22). É preciso considerar também as intenções dogmáticas dos biógrafos, que influenciaram diretamente a escrita.

Entretanto, quando qualquer pessoa se propõe a escrever uma biografia, é impossível que se pretenda que tudo o que escreveu seja verdade, o que não torna sua narrativa uma ficção. Vilas Boas (2008, p. 153) lança a pergunta: “[...] o biógrafo pode atingir a verdade sobre o biografado? Pode-se recompor, filosoficamente falando, a totalidade da vida de um indivíduo pela escrita?”. Não podemos estranhar que a resposta a este questionamento seja negativa, uma vez que, mesmo em autobiografias, existe uma parcela de autoficção (PINEAU, 2006). Se considerarmos que, no caso da biografia, verdade seria sinônimo de objetividade, deveremos nos lembrar do que expusemos anteriormente, que todo ato discursivo imprime uma subjetividade do enunciador no seu discurso. Logo, a verdade não pode ser critério para considerar o que é ou não é uma narrativa biográfica.

Segundo Blomberg (2009), até mesmo a comunidade cristã primitiva percebeu isso. Algo que muitas vezes passa despercebido pelos que se propõem a estudar os evangelhos é que os primeiros cristãos perceberam e reconheceram que não estavam diante de “verdades incontestáveis”. O título dado pela tradição a cada livro, pois eles não estavam intitulados, é prova disso: Evangelho segundo Mateus, Evangelho segundo Marcos, Evangelho segundo Lucas e Evangelho segundo João. A expressão indicativa *segundo* + *autor* anuncia que aquilo que se disse é uma versão dos fatos ocorridos e não necessariamente representa os fatos reais, mas a visão dos escritores, baseados em suas experiências, sobre os fatos; entretanto, a expressão ‘segundo’ também pode ser indício de legitimidade. Se são os discípulos diretos ou indiretos que contam a história, isso implica que é a verdade. E a intenção dos autores fica clara: eles querem que suas narrativas sejam lidas pelo público pré-

determinado - implicando um projeto de dizer, que discutiremos a seguir - como suas impressões a respeito do que viram, ouviram ou sentiram. Não é possível, tampouco é nosso interesse, afirmar veracidade ou imaginação em textos bíblicos, em virtude de um possível embrenhamento nos limites do que é verdade e do advém da fé. Tratamos aqui dos interesses que moviam os evangelistas no momento de transmitir os relatos concernentes à vida e à história de Jesus a públicos específicos.

Recorremos a Frédéric François (2014), que afirma que o importante num diálogo é que ele pressupõe uma dada comunidade. Deste modo, ao (d)escrever a figura de Jesus, todos os evangelistas têm como pressuposto sua divindade e sobre essa divindade estruturam seus discursos narrativos. Nos textos coletados, percebemos que a escrita dos evangelistas Mateus e João mostra com clareza a que público se destinam seus textos. Os quatro evangelhos foram escritos muito depois da morte de Jesus, ao final do primeiro século d.C., inclusive os evangelhos dos dois evangelistas que tiveram contato direto com Jesus, Mateus (60 - 70 d.C.) e João (90 - 100 d.C.). Não nos é de interesse, neste estudo, procurar as razões para esse longo tempo entre a vivência ao lado de Jesus e a escrita desses testemunhos. Retomando François (2014, p. 201), compreendemos que é impossível definir "[...] a relação existente entre o 'sujeito que escreve' e o indivíduo que vive na multiplicidade dessas formas de existir". Essa percepção nos leva a perceber também que "uma obra, seja ela apresentada ou lida, como realista ou de ficção, tem 'certa relação' com uma experiência real ou possível". Esta é a razão para adotarmos uma percepção de veracidade nos evangelhos. Consideramos que os evangelhos pertençam ao que François (2014, p. 202) chama de conjunto de textos que significa o "movimento de estabelecimento dos aspectos locais do texto no texto geral".

Do ponto de vista da relação dos evangelistas com Jesus, poderíamos pensar que seria natural, como divulgadores da boa nova, enviados por Jesus, que esses sujeitos - em nossa pesquisa especificamente João e Mateus - seriam como pré-destinados a propagar, qual um fatalismo, muito mais que a palavra de Jesus, mas suas experiências junto a Jesus, suas comprovações das atuações de Jesus em um ambiente inóspito, como o império e o poder Romano em que viveu.

Vilas-Boas (2008) explica que fatalismo seria uma “doutrina” na qual os acontecimentos são fixados com antecedência pelo destino. Isto significa que nada pode mudar o futuro, pois tudo o que tiver de acontecer, se concretizará, sem que algo possa modificar seu rumo. Após analisar algumas biografias, o autor concluiu que esse senso fatalista tem-se insinuado nas narrativas biográficas atuais, as quais seriam dominadas por uma visão de que o biografado existe por causa da sua obra. Assim, os feitos do biografado deixam de ser apenas uma parte da sua existência, pois eles se tornam sua própria vida. Vilas-Boas (2008) cita como exemplo algumas biografias que descrevem seus biografados como pessoas que sempre deram indícios de que um dia alcançariam seu sucesso, predestinados, por isso ainda na infância, há quem retrate seu biografado como “criança espetacular que vai se tornando uma máquina de combate rumo ao triunfo”. Ao analisar a biografia “O anjo pornográfico, a vida de Nelson Rodrigues”, de Ruy Castro, Vilas-Boas tece o seguinte comentário:

Reafirmo, não estou questionando as opções de Ruy Castro, nem de nenhum biógrafo mencionado. Biografia é obra de autor. Por outro lado, essa narrativa meio folclórica denota fragilidade e ausência de substância, por mais que Nelson tenha sido “folclórico”, ou por mais que Nelson tenha se tornado “personagem de si mesmo”. O Nelson de Ruy é também um predestinado, apesar de todas as carências e incompreensões (VILAS-BOAS, 2008, p. 91).

Em outra análise, Vilas-Boas expõe o retrato que Claudio Bojunga constrói de Juscelino Kubitschek, em seu “JK, o artista do impossível”:

É herói-obreiro perfeito, consumado desde sempre, livre de dúvidas e abatimentos diante das “forças impessoais” da conquista. O Juscelino de Bojunga ressona como um enviado. Nascera para governar o Brasil e entrar para a história como o “grande presidente pé-de-alsa que construiu Brasília”. Os ambientes e as ancestralidades eram só uma espécie de ponte invisível para o imbatível JK atravessar mares e marés, pois tudo já estava previsto (VILAS-BOAS, 2008, p. 93).

Ainda segundo Vilas-Boas (2008), no imaginário popular, os seres predestinados são comumente vistos como geniais e criativos, seriam pessoas marcadas por um destino à parte, que as isolaria de outros humanos. Para ele, essa concepção se liga frequentemente a noções religiosas, pois o criar é visto como uma habilidade exclusiva de sujeitos “incríveis” ou “sobrenaturais”. Para entender melhor essa concepção, o autor recorre a um estudo de Kris e Kurz (1998), sobre as atitudes da sociedade em relação à imagem do artista plástico (pintores, escultores, ou mesmo arquitetos). A principal tese desses autores é a de que noções

estereotipadas se ligam à obra e à pessoa do artista, a partir do momento em que ele faz seu aparecimento nos registros históricos. Kris e Kurz (1998) analisaram textos biográficos e argumentam com base no aparecimento de anedotas em biografias antigas. As principais anedotas com as quais eles trabalham são:

1. os dons são evidentes já na infância do artista;
2. o trabalho do artista é confundido com o da própria natureza;
3. os grandes artistas são capazes de imitar a natureza a ponto de iludir o público;
4. o artista tem um caráter “divino” e ocupa posição especial na sociedade;
5. o artista tem domínio soberano sobre o mundo representado em suas obras;
6. o artista possui um caráter competitivo;
7. há relação entre atividade artística e impulsos sexuais;
8. a partir do século XIX, o artista é um gênio à margem da sociedade.

Para Vilas-Boas (2008), todas essas anedotas guardariam grande semelhança com o fatalismo nas biografias contemporâneas. Kris e Kurz explicitam essa semelhança quando afirmam que “a heroicização do artista assume o principal objetivo dos biógrafos” (KURZ E KRIS, 1998, p. 54). Os autores ainda discutem a concepção a respeito da “capacidade artística”, que mudou a partir do Renascimento. Na Idade Média, Deus é o artista, por influência da crença na criação divina do Mundo. Porém, a partir do Renascimento, o artista é divino, seus poderes criativos estão relacionados à sua genialidade. Kris e Kurz analisam então um trecho encontrado no evangelho apócrifo de Tomé:

Assim, o milagre da infância de Jesus, mostrando o Salvador como um jovem escultor que, por brincadeira copia pardais em barro e os chama à vida, faz ponte entre a antiga concepção de um deus-artista – o Senhor da Criação da tradição judaica – e a da criança-artista, que encontramos nos começos das biografias em época mais recente (Kurz e Kris, 1998, p. 60).

Esses estudos colaboram com nossa concepção de que a presença da aura sobrenatural em torno de Jesus não poderia impedir que os evangelhos fossem

analisados como construções biográficas. Mesmo que o Jesus apresentado não corresponda a um Jesus histórico, fato que poderia ser explicado pela presença de uma visão fatalista nas obras analisadas. Vilas-Boas compara essa construção de personagem que muitos biógrafos contemporâneos fazem em suas biografias a personagens fictícios.

O problema do fatalismo [...] está atado a essa impossibilidade, que conduz, inevitavelmente, a um desequilíbrio entre o que é exterior (contexto histórico e social) e o que é *self*. A obra (ou seu contexto histórico e social) acaba se tornando mais importante do que a própria pessoa – o biografado – que a concebeu. Tem-se, assim, um ser humano premeditado, incontroverso, “redondo”, algo parecido com os personagens compósitos ficcionais, mas sem a vivacidade atingida pelos melhores textos literários de ficção (VILAS-BOAS, 2008, p. 114).

Não nos interessa comparar o Jesus histórico com o Cristo da fé, mas analisar as estratégias utilizadas pelos escritores dos evangelhos para construir uma biografia crível, mesmo que esta apresentasse eventos sobrenaturais. E para isto, uma das estratégias utilizadas foi a construção de uma imagem de Jesus, que funcionaria ao mesmo tempo como objetivo e fiador da narrativa. Isto é, a construção de uma imagem de Jesus é o objetivo das narrativas evangelísticas, ao mesmo tempo em que essa imagem é, também, utilizada como legitimadora do discurso enunciado, funcionando assim como um mecanismo persuasivo, uma vez que em se tratando de escritos religiosos, não é possível uma confirmação, salvo pela fé, de se relatar a verdade. Assim, adotamos a perspectiva de Malcolm (2011) de que “Estamos no reino das versões, já que a verdade é postulada como inalcançável” (MALCOLM, 2011, p. 164).

2.2 O Sagrado como discurso formador do ethos

Desde tempos primordiais, quando os rabinos elaboraram a Septuaginta⁵, os livros bíblicos têm sido de grande influência religiosa para diversos crivos

⁵ Septuaginta é como ficou conhecida a versão traduzida da Bíblia hebraica (Torá) para o grego, a qual corresponde ao Antigo Testamento na Bíblia cristã. Foi chamada de “Versão dos Setenta” (Latim = septuaginta), pois aproximadamente 70 judeus participaram da tradução. Segundo Blomberg (2009), a necessidade de se traduzir a Torá surgiu a partir do domínio helenístico, quando Alexandre, o Grande, conquistou o vasto território da Palestina e expandiu a língua grega. Inúmeros judeus migraram para as diversas regiões do reino alexandrino, recorrendo ao grego para os negócios, comércios e relações com autoridades militares e políticas. Devido ao crescente desuso do hebraico em várias comunidades judias, ainda no século III a. C. foram designados os setenta eruditos judeus para realizar a tradução. Para se ter ideia da importância dessa

interpretativos, dos quais se geraram diversas religiões e igrejas. Ainda assim, continua estendendo sua influência a milhões de pessoas, tomada até mesmo como um livro sagrado, por meio do qual, Deus teria revelado sua vontade à humanidade. Como dissemos, não pretendemos discutir a veracidade do escrito ou questionar sua origem, mas tentar identificar estratégias discursivas utilizadas por alguns dos seus escritores, tendo em vista a aparente eficácia em influenciar pessoas, haja vista a extraordinária expansão da doutrina, conforme nos lembrou Morin (2013), em texto que já citamos neste documento.

Ficam-nos pelo menos duas questões sem respostas definitivas: a influência ocorreria por causa do livro ou pela ação que as pessoas utilizam em suas pregações? O livro em si seria suficiente? Não obstante nossa consideração do sagrado da Bíblia, sabemos que a presença dessa obra ultrapassa as paredes de templos religiosos, sendo conhecida até mesmo por aqueles que não têm envolvimento com qualquer religião. Para Crestani (2010), os textos bíblicos exercem uma função para além de religiosa, servindo como obra de referência para a definição de enfoques temáticos, ou mesmo para a escolha dos gêneros e formas literárias.

A presença da religião ultrapassa os limites da Igreja, estabelecendo relação inclusive com o Estado, apesar de sua institucionalizada laicidade. Durante todo o período imperial, a ligação entre a Igreja e o estado era prevista incondicionalmente, *tolerando*, entretanto, a prática de demais cultos em ambientes específicos e fechados. O Decreto Nº 119-A de 07 de janeiro de 1890, redigido por Rui Barbosa, transformou o sistema de relação entre Religião e Estado, deixando o Brasil de ser um Estado confessional para ser um Estado laico antes mesmo da primeira Constituição Republicana.

Segundo Pires (2015), nossa primeira Constituição Republicana promulgada em 1891, influenciada pelo positivismo e racionalismo da época, confirmou a opção pela separação entre Igreja e Estado, consagrando o Estado Laico e a liberdade de religião, conforme o artigo a seguir:

tradução, a Septuaginta é a versão citada no Novo Testamento cristão, o que significa que era a mais lida e conhecida entre os judeus da época.

Art. 11: É vedado aos Estados, como a União:

[...]

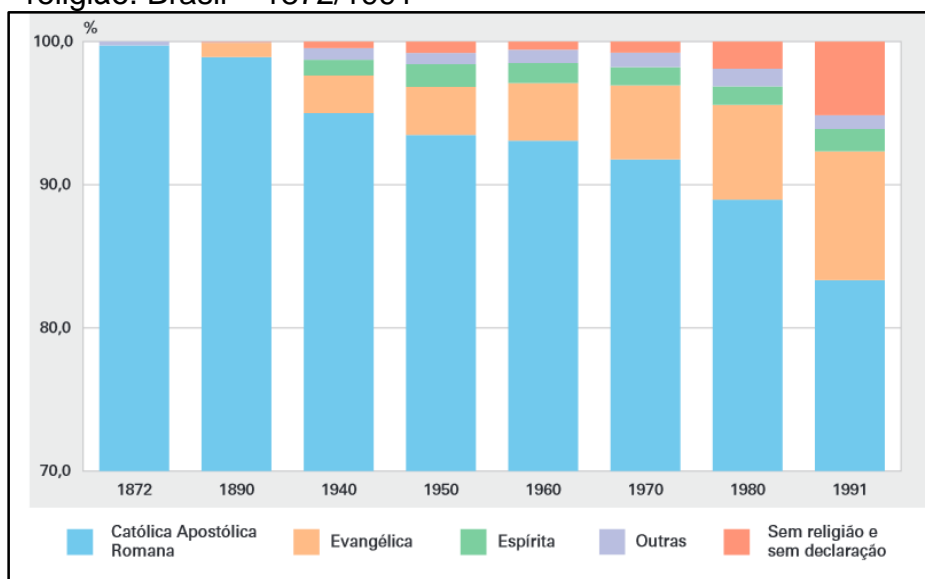
2ª) estabelecer, subvencionar ou embaraçar o exercício de cultos religiosos

A independência total entre o Estado e a Igreja marcou a tônica da Constituição de 1891. Com esse novo texto, aniquilou-se o apoio do catolicismo ao Estado Monárquico e privilegiou-se a busca do exercício do poder estatal sem a interferência da Igreja Católica.

Embora a Constituição Brasileira de 1891 tenha sido inspirada na Revolução Francesa, em 1789, representando em seu texto a organização de poderes e os direitos individuais, conforme ditava a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, vale ressaltar que poucos foram os ‘revolucionários’ verdadeiramente mobilizados pelos ideais de ‘liberdade, igualdade e fraternidade’. A exceção que podemos citar, por sua importância jurídica e literária, foi o jurista Rui Barbosa, cuja influência no constitucionalismo da época, bem como na revisão constitucional de 1926, alcançou notoriedade.

Desde a Constituição de 1988, a influência dos valores religiosos na sociedade alcança hábitos, costumes e até decisões na área política e educacional, porém, agora, dentro de ideais diferenciados de direito à expressão. Isso porque, a população brasileira é majoritariamente cristã e, segundo o IBGE (2010), essa hegemonia da filiação ao catolicismo se manteve desde o processo de colonização até a década de 1870. Ao final do século XIX, tem início um processo de retração que irá se intensificar ao decorrer do século XX, resultando em uma expressiva redução no número de católicos no país. Como se pode observar no gráfico a seguir, o Censo Demográfico de 1991 registrou um declínio de 16,7% de pessoas que se declaram católicas, se comparado ao censo de 1872.

Gráfico 1 – Percentual da população residente, por grupos de religião. Brasil – 1872/1991

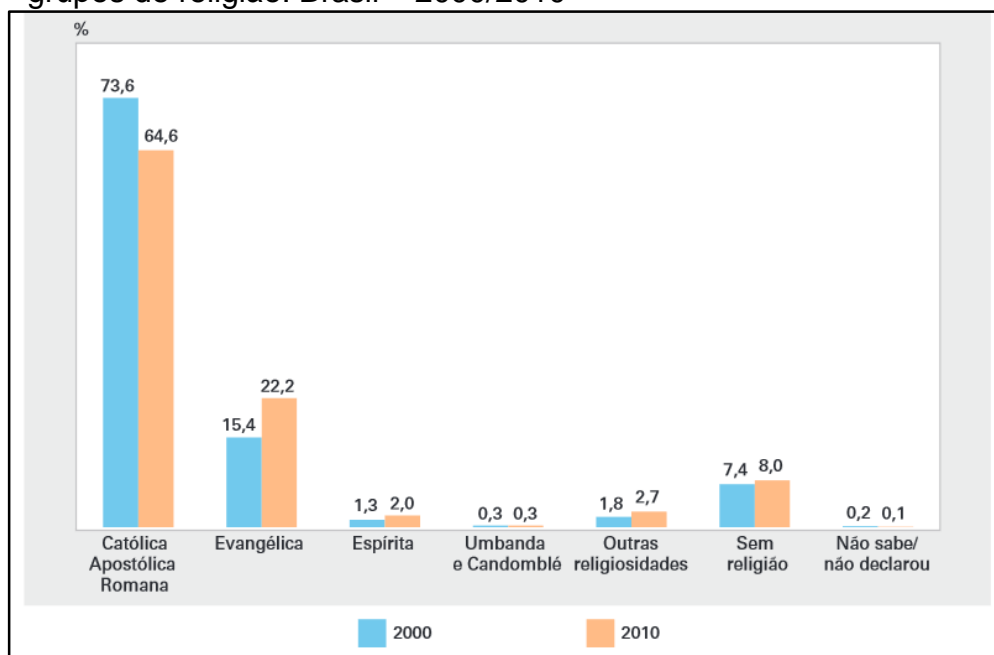


Fonte: Diretoria Geral de Estatística, Recenseamento do Brasil 1872/1890; IBGE, Censo Demográfico, 1940/1991

Naquele mesmo ano, o segmento evangélico, por sua vez, representava 9% da população brasileira. Disso, podemos destacar que grande parte dessa redução registrada no segmento católico é resultado de uma migração de fiéis entre as duas correntes cristãs, principalmente após a chegada das igrejas pentecostais no Brasil.

No último Censo Demográfico, que ocorreu em 2010, a parcela de fiéis católicos reduziu ainda mais, enquanto os evangélicos cresceram sobremaneira. Segundo o IBGE (2010), a proporção registrada foi de 86,8% de cristãos, sendo 64,6% católicos e 22,2% evangélicos. O visual deslocamento de pessoas católicas para outras categorias aponta o montante de 1,7 milhão de fiéis. Como dissemos, a maioria dessas pessoas se deslocou da igreja católica para as igrejas evangélicas, apesar de ser notável o grande crescimento dos que se declaram sem religião.

Gráfico 2 – Percentual da população residente, segundo os grupos de religião. Brasil – 2000/2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010

Entretanto, por ser causada por um movimento migratório, a redução de fiéis do catolicismo não diminuiu a influência política, já que as duas igrejas possuem posicionamentos semelhantes no âmbito político, pautados principalmente por dogmas bíblicos. Na verdade, a Frente Parlamentar Evangélica, conhecida como bancada evangélica, está tomando força de forma célere no país, tendo eleito 80 deputados federais em 2014, o que representa 15% dos parlamentares da Câmara. Essas bancadas existem em todos os níveis da administração política, com o objetivo de garantir os interesses de igrejas e instituições religiosas, sobretudo em relação a assuntos polêmicos, como aborto, homossexualidade e direitos civis. A defesa de um discurso ultraconservador e violento cria na sociedade condições negativas dada a complexidade da conjuntura sócio-histórica e econômica de nosso país. O texto da Bíblia é usado como substituto de leis e a crença particular se sobrepõe aos direitos fundamentais de cidadãos. Gradativamente, a laicidade do Estado brasileiro define. No futuro, seria interessante fazer um estudo comparativo entre as leis de Moisés, com seus 613 mandamentos, e as leis constitucionais. Poderia partir-se da DDH - Declaração dos Direitos do Homem, passando pelo Código Napoleônico, guia do código civil de muitos países até hoje, inclusive o Brasil, e chegando à nossa constituição.

Entretanto, a nossa pesquisa não estudará como os políticos utilizam a Bíblia como estratégia para a criação de um ethos de credibilidade (MAINGUENEAU, 2008), mas como os próprios apóstolos, por meio de testemunhos oculares ou não, construíram uma narrativa biográfica confiável de forma que, dois mil anos após a morte de Cristo, diferentes culturas ainda mantêm o respeito ao texto.

Maingueneau (2010, p. 99) faz a mesma observação, mas em relação ao contexto francófono, e acrescenta que as abordagens da religião pela sociologia e antropologia, entretanto, estão em franco desenvolvimento. Para explicar as causas desse desinteresse, Maingueneau declara que os especialistas em textos literários, religiosos ou filosóficos eram, muitas vezes, reticentes às abordagens que se fundamentavam na análise do discurso com medo de “que essas abordagens fossem ‘reducionistas’, incapazes de se manterem à altura dos ‘grandes textos’ em torno dos quais gira atividade hermenêutica” (MAINGUENEAU, 2010, p. 100). Os “grandes textos” aos quais Maingueneau se refere são os textos que receberam muito mais atenção com as novas abordagens das produções verbais que surgiram após os anos 1960. O autor completa:

É sempre possível dirigir um olhar ingênuo a um texto religioso, como a um texto literário ou filosófico, mas o texto só alcança legibilidade quando relacionado a um vasto intertexto. Ora, ao menos nas sociedades ocidentais, a cultura religiosa é cada vez menos divulgada entre os pesquisadores em ciências humanas e sociais (MAINGUENEAU, 2010, p. 100).

Apesar desta constatação acerca de um certo olhar ingênuo do observador, Maingueneau também argumenta que os estudiosos da linguagem que tomam como objeto os textos religiosos não têm necessariamente a intenção de estudar ou compreender o discurso religioso. Maingueneau (2010, p. 101) afirma:

[...] porque ele [o discurso religioso] interfere em outros domínios, em particular no da política: assim estudam, por exemplo, a influência dos fundamentalistas protestantes na política americana ou as produções textuais do islamismo radical. Tais trabalhos se situam nos limites do jornalismo e da sociologia; não tratam do discurso religioso enquanto tal (MAINGUENEAU, 2010, p. 101).

Em nosso trabalho, pretendemos realizar uma análise do discurso religioso como tal. Para isso, observamos a intenção dos escritores em relação à comunidade que receberia os textos, bem como o contexto sócio-histórica e cultural desse público alvo. O nosso *corpus* pertence ao discurso dogmático, portanto,

trataremos brevemente as características desse discurso e como a comunidade cristã se desenvolveu com base nas peculiaridades desse discurso.

2.2.1 Discurso dogmático

Os dogmas são considerados princípios fundamentais em muitas religiões, inclusive no cristianismo, os quais devem ser respeitados por todos os seguidores, sob pena de ser excluído da comunidade religiosa qualquer um que discordar da doutrinação. Ou seja, o dogma é atribuído a princípios teológicos, que são considerados básicos, de modo que sua disputa ou proposta de revisão por uma pessoa não é aceita. Logo, a primeira observação que podemos fazer é que o discurso dogmático, diferentemente do discurso científico, não permite opiniões contrárias. A rejeição do dogma é considerada heresia ou blasfêmia e pode levar à expulsão do grupo religioso.

Apesar disso, apenas três séculos após o surgimento dos primeiros cristãos, começaram a surgir questões doutrinárias, que eram resolvidas em *concílios ecumênicos*: reuniões com todos os bispos. A consequência, em alguns casos, foi mesmo a exclusão dos divergentes, o que ocasionava divisões e fragmentações da igreja. Nestório, por exemplo, era contra o título *Theotokos* (Mãe de Deus) para Maria, mãe de Jesus. Ele propôs que o título *Christotokos* (Mãe do Messias) seria mais adequado, pois acreditava que o primeiro título negava a humanidade plena de Jesus, enquanto ele acreditava que havia duas naturezas no Cristo, a divina e a humana. Seus oponentes o acusaram de tentar negar a natureza divina de Jesus e consideraram suas ideias heréticas no Concílio de Éfeso, em 431 d. C., causando o que ficou conhecido como a Cisma Nestoriana. Essa exclusão deu origem mais tarde ao Nestorianismo e influenciou um conjunto de igrejas na Pérsia conhecidas como Igreja Assíria do Oriente (MONDONI, 2006).

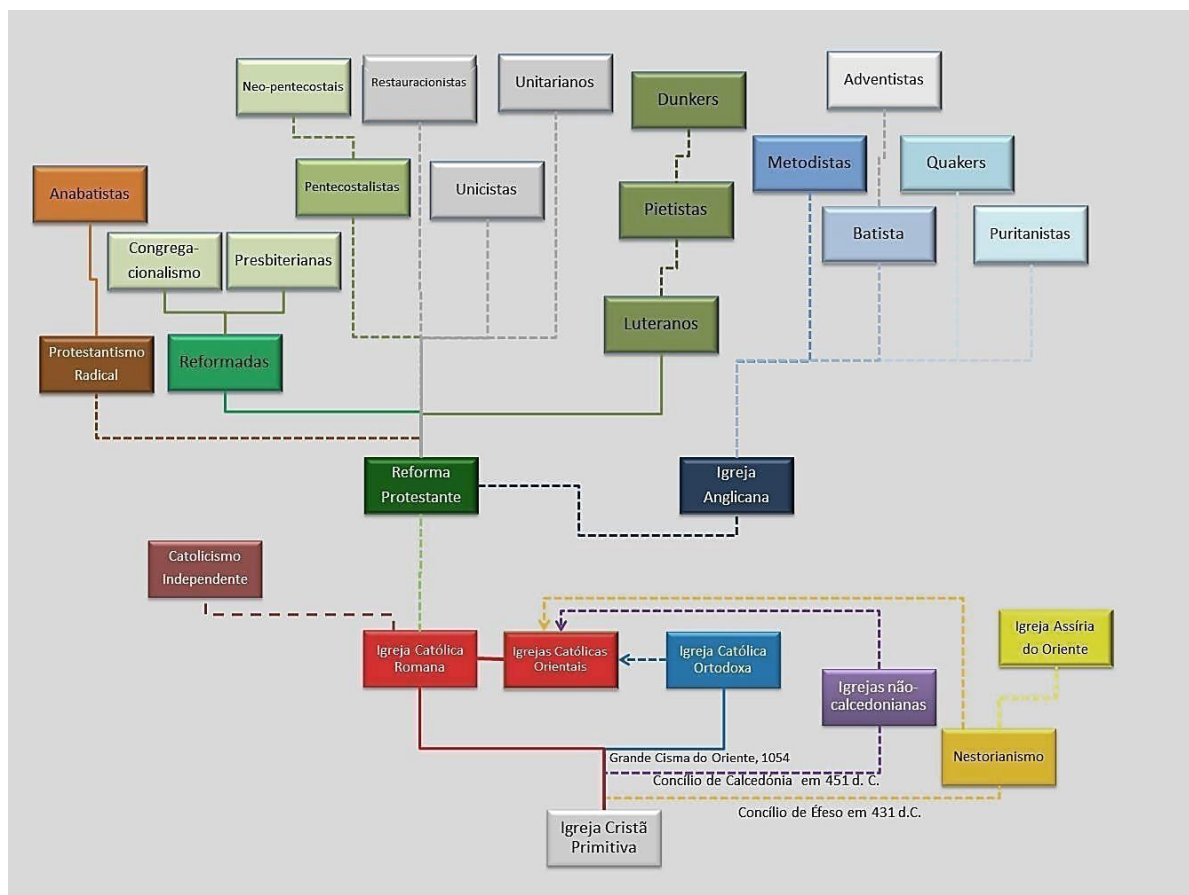
Esse processo se repetiu outras vezes, causando divisões. Em 451 d.C., no Concílio da Calcedônia, algumas igrejas do Oriente não aceitaram o decreto das “duas naturezas de Cristo”, que afirmava que havia duas naturezas em Jesus, a humana e a divina, e essas essências coexistiram dentro do corpo dele, doutrina chamada de hipostática. Essas igrejas acreditavam que havia uma só natureza, a

qual teria sido formada da mistura entre a natureza humana e a natureza divina, doutrina chamada de miafisismo. Essa teoria foi considerada heresia, pois se aproximava da visão monofisista, que acreditava que só havia uma natureza em Jesus, ou humana ou divina. Esse cisma causou a formação das igrejas chamadas não calcedonianas, pois elas não aceitaram o Concílio da Calcedônia, foram excluídas da comunidade católica (MONDONI, 2006).

Outro episódio parecido ocorreu após a divisão do império Romano, que gerou uma divisão estrutural na Igreja entre o Oriente, bizantino e o Ocidente, latino. A distância gerou questões doutrinárias, culturais e estruturais, que só foram piorando ao longo do tempo por causa do contexto político. Em 1054, a questão Filioque agravou os conflitos entre as duas partes, o que ocasionou mais tarde o que ficou conhecido como o Grande Cisma do Oriente, na qual a Igreja do Oriente se emancipa e funda a Igreja Católica Ortodoxa, cortando todas as relações com a Igreja Católica Apostólica Romana.

Mais tarde, no início do século XVI, ocorre a Reforma Protestante, quando Martinho Lutero contesta algumas práticas da época como a venda de indulgências e escreve suas 95 teses. Mais uma vez, a objeção doutrinária não foi aceita, e gera um atrito, agravado por questões políticas, como o enfraquecimento da influência da Igreja em alguns locais da Europa, que resultou em mais uma divisão. Esse rompimento, porém, tomou proporções maiores, causadas principalmente pelo descontentamento de muitos cristãos com as práticas então adotadas pela Igreja. Entretanto, não houve uma organização que resultasse na fundação de apenas outra igreja, pois mais uma vez a questão dogmática gerava dissensões. No gráfico abaixo, tentamos resumir as principais ramificações do cristianismo causadas pelas discussões dogmáticas ao longo do tempo.

Figura 2 – Principais ramificações e igrejas do Cristianismo



Fonte: elaborado pelo autor.

Se considerarmos o modo como cada divisão ocorrida no cristianismo influenciou no posicionamento sócio-político das regiões envolvidas, poderemos perceber como o discurso dogmático tem influenciado a vida de todos. Desde os antigos conflitos militares, por interesses religiosos, como as Cruzadas, até mesmo os atuais embates cotidianos, como campanhas religiosas contra posicionamentos mais liberais em relação à sexualidade, aborto ou pesquisas genéticas.

Desse ponto de vista, é de fundamental importância a realização de incursões nos domínios do discurso dogmático, para entendermos como esses textos possuem capacidade de alcançar tantas pessoas, moldando pensamentos e causando transformações, que ultrapassam os limites da religião, atingindo até mesmo aqueles que não fazem parte de nenhum tipo de grupo religioso.

2.2.2 O *ethos* e a credibilidade

Mas o que é *ethos*, afinal?

Na *Retórica*, Aristóteles (2005, p. 96) distingue três espécies de provas de persuasão: algumas se referem ao caráter moral do orador (*ethos*); outras à maneira como o ouvinte se dispõe (*pathos*); a outras no próprio discurso (*logos*). Ele explica que a persuasão pelo caráter ocorre quando a maneira como o discurso é proferido deixa a impressão de que o orador é digno de confiança, mas essa impressão deve ser efeito do próprio discurso, e não de uma opinião prévia sobre o orador. A persuasão pela disposição dos ouvintes ocorre quando estes são levados pelo discurso a sentir emoções, que irão influenciar no modo como aceitarão o próprio discurso. E a persuasão pelo discurso ocorre quando o orador mostra a verdade, ou que aparenta ser a verdade, a partir do que é persuasivo.

Foi justamente à noção de *ethos* que nosso trabalho deu mais ênfase, tomando-a como parte integrante do discurso e uma das melhores ferramentas para se conseguir chegar à persuasão, já que o próprio Aristóteles (2005, p. 96) afirmou isso: “[...] pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão.” É evidente que precisamos explorar os outros tipos de provas que a acompanham, pois o efeito conseguido no auditório e o próprio discurso são partes constituintes da argumentação. Aliás, pode-se questionar até o isolamento entre essa tríade *logos-ethos-pathos*, pois é impossível conceber o *ethos* de um falante sem se debruçar também nos argumentos do próprio discurso ou perceber o efeito causado pela imagem construída sobre o público.

Para Reboul (2000, p.48) “O *etos* é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem a confiança”. Para Reboul, são condições mínimas de credibilidade a sensatez (capacidade do orador de aconselhar), a sinceridade (franqueza em relação ao que sabe ou pensa) e a simpatia (gentileza e doação para o seu público).

Barthes (1970 *apud* MAINGUENEAU, 2008, p.58), referindo-se ao conceito de ethos retórico, afirma: “Persuade-se pelo caráter quando o discurso é tal que torna o orador digno de fé [...]. Mas é necessário que essa confiança seja efeito do discurso, não de uma opinião sobre o caráter do orador”.

Também é Barthes (*apud* MAINGUENEAU, 2007, p.107) que afirma

[...] são traços que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa a sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao apresentar [...] O orador enuncia uma informação, e ao mesmo tempo diz: eu sou isto, eu não sou aquilo.

Maingueneau (2008) entende que há uma diferença entre o ethos discursivo e o ethos pré-discursivo. O auditório pode inferir sobre o ethos do palestrante sem que uma palavra já tenha sido pronunciada, apenas por aquilo que ele é (ou parece ser).

Mas como a credibilidade se constrói na interação? Segundo Maingueneau,

[...] a noção de ethos é interessante por causa do laço crucial que mantém com a reflexividade enunciativa, mas também porque permite articular corpo e discurso em uma dimensão diferente da oposição empírica entre oral e escrito. A instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso não pode ser concebida como um estatuto, mas como uma “voz”, associada a um “corpo enunciante” historicamente especificado (MAINGUENEAU, 2008, p. 64).

Apesar de estabelecer uma associação entre o ethos discursivo e o ethos pré-discursivo, ou seja, entre o dito e o não dito, também Maingueneau (2007) diz que o ethos não deve se limitar ao texto oral: “O texto escrito possui, mesmo quando denega, um tom que dá autoridade ao que é dito” (p. 107). Por meio da leitura, constrói-se o papel fiador. Ele, o fiador, não remete ao real autor do texto, mas trata-se da corporalidade do enunciador.

Neste sentido, podemos analisar o *ethos* de um produto numa peça publicitária uma vez que “[...] toda fala procede de um enunciador encarnado, mesmo quando escrito, um enunciador é sustentado por uma voz – a de um sujeito situado para além do texto” (MAINGUENEAU, 2007, p.104).

Figura 3 – Publicidade do chocolate Lacta



Fonte: www.facebook.com/lactaoficial

A peça não foi feita pela empresa de chocolates, contudo foi por meio de profissionais de publicidade contratados pela empresa, que as estratégias discursivas possibilitaram a corporalidade de um fiador ao qual pode ser atribuído um caráter valorizador. A conjunção de Páscoa - data característica dos Cristãos nessa relação como ovo de Páscoa - com a doçura do chocolate é formulada pela publicidade com uma aura de esplendor, de magia e de surpresa, tais como se vê na Figura 3.

Caráter e corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-la ou modificá-la" (MAINGUENEAU, 2007, p. 2013).

O caráter diz respeito aos aspectos psicológicos, traços subjetivos, enquanto que a corporalidade trata dos aspectos físicos, forma de vestir, de se comportar, como vemos nas Figura 4 e 5:

Figura 4 – Publicidade do sabão Omo



Fonte: http://www.unilever.com.br/aboutus/historia_das_marcas/Omo/omo_anunciosimpessos.aspx

As peças de publicitárias de sabão em pó usam o estereótipo de mães e de mulheres pragmáticas, que querem tempo de lazer para além do tempo que gasta com a família e o cuidado da casa. O próprio nome do sabão presente nessa publicidade vem do inglês Old Mother Owl, isto é, Velha Mãe Coruja⁶, o que já revela a qual público o produto se direciona.

Figura 5 – Publicidade da Vivara



Fonte: <http://www.vivara.com.br/campanhas>

Por outro lado, peças publicitárias de joias caras trazem mulheres magras, altas, loiras, pois essas simbolizam o modelo padrão defendido pelo poder hegemônico.

⁶ Fonte: http://www.unilever.com.br/aboutus/historia_das_marcas/Omo/index.aspx (História completa de Omo). Acesso em: 11 ago 2015.

Na solidariedade entre o enunciador e o coenunciador e na adequação do texto com a “conjuntura ideológica” (MAINGUENEAU, 2007), são extraídas as representações a serem valorizadas.

As biografias são histórias contadas de pessoas reais. Para Bruner (2014, p. 34), a história, como todo ato de fala, é “[...] uma elocução, mas também tem um propósito específico: o que o narrador pretendia ao fazer esta narração a este espectador desta forma”. Deste modo, o autor defende que a história seria uma vestimenta que damos a acontecimentos quando os queremos organizados e coerentes. Bruner (2014) afirma, em seguida, que as autonarrativas são sempre um construto dialético em que o “como minha vida foi” é acompanhado do “como minha vida poderia ter sido”. O autor argumenta ainda que toda narrativa fornece modelos do mundo e que “[...] histórias são comunicadas de uma pessoa a outra, com sua intenção e credibilidade, dependendo das circunstâncias de sua narração” (BRUNER, 2014, p.35). Bruner cita exemplos como os de Sheherazade, a quem o autor atribui a malícia de conhecer recursos de suspense em sua narrativa. Assim, nos evangelhos que compõem nosso *corpus* e objeto de estudo, vemos se adequa bem a percepção de Bruner sobre a intencionalidade, mas também sobre o ponto de vista dos divulgadores dos evangelhos – apresentar um Jesus e conjuntamente apresentar um conceito de santidade e de expressão salvífica. Há uma incorporação de uma imagem soteriológica de Jesus, esse personagem narrativamente descrito em detalhes compartilhados entre os evangelistas e há um *ethos* corporalizado nos textos.

Também Maingueneau (2008) traz a noção de incorporação, que opera estabelecendo relações que ele entende como indissociáveis: a) “a enunciação leva o coenunciador a conferir um *ethos* ao seu fiador, ela lhe *dá corpo*” (MAINGUENEAU, 2008, p.109); b) o coenunciador aceita um conjunto de sentidos mobilizados para a construção do fiador; c) estabelecidas as duas primeiras condições é possível a *constituição de um corpo*, em que os que se relacionam com ele podem aderir a partir do mesmo discurso.

Os evangelistas atuam, por este prisma, como biógrafos que são testemunhas da vida de Jesus a partir do momento em que começaria sua missão salvífica, porém, que se tornaram conhecedores de outros momentos vividos pelo

salvador, antes mesmo de seu convívio e, alguns, desde antes de seu nascimento. Essas questões de implicância sobre a veracidade dos fatos não serão abrangidas neste nosso estudo.

Ao tratar do *ethos* na pragmática moderna Amossy (2011) relaciona o *ethos* ideal a três aspectos: razão prática, benevolência solidária e sinceridade. Este último também já foi tratado por Searle (1969)⁷ e por Charaudeau (apud MAINGUENEAU, 2007), em seu contrato da comunicação. Para Charaudeau (*idem*) é a sinceridade que cria as condições para que ordens possíveis sejam proferidas e que promessas verdadeiras possam ser professadas. Há responsabilidade sobre o que se afirma como verdadeiro. Searle, por sua vez, distingue a promessa sincera da promessa não sincera.

Caráter e corporalidade são dois dos conceitos que usaremos em nossa análise. A sinceridade (AMOSSY, 2011), por sua vez, será baseada no testemunho dos apóstolos Mateus e João. O *ethos* do Jesus soteriológico construído nos livros de Mateus e João é sincero, crível, confiável, como será descrito em nossa análise, no capítulo 4.

⁷ SEARLE, J.R. (1969) **Speech acts**. Cambridge. Cambridge Univ. Press.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo. A cada dia basta o seu mal.

Mateus 6:34

Dedicaremos esta seção à apresentação do percurso metodológico trilhado por nós, que vai desde a coleta do material, organização e constituição do *corpus* até os procedimentos analíticos, que tornaram operativos nossos objetivos específicos.

De acordo com Carvalho (2000), o método, do ponto de vista científico, não deve ser reduzido a uma mera apresentação de passos de uma determinada pesquisa, não é somente uma descrição de procedimentos ou dos caminhos traçados pelo pesquisador para a obtenção dos resultados. Para o autor, vai muito além disso, pois quando se fala em método, pretende-se explicitar quais os motivos que levaram o pesquisador a escolher certos caminhos e não outros. Sendo assim, podemos parar e pensar que a questão do método é teórica, tendo em vista que se refere aos pressupostos que fundamentarão o modo de fazer a pesquisa, portanto, os pressupostos são anteriores à coleta das informações.

3.1 Aspectos Metodológicos da pesquisa

Para a realização de nossa pesquisa, utilizaremos uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, tendo em vista que a interpretação com base nas categorias teóricas, que serão apresentadas posteriormente, será o centro de nossas análises. Na pesquisa qualitativa, há por parte do pesquisador uma busca em compreender os fenômenos para, posteriormente, expor sua interpretação sob os fenômenos estudados.

Além disso, como ressaltam Lakatos e Marconi (1992), a maioria dos especialistas faz distinção entre quatro principais métodos de pesquisa: indutivo,

dedutivo, hipotético-dedutivo e dialético. Gil (2002), por sua vez, destaca, além dos quatro métodos mencionados acima: o fenomenológico, os que indicam os meios técnicos da investigação, o experimental, o observacional, o comparativo, o estatístico, o clínico e monográfico.

Tendo em vista as análises que realizamos, podemos caracterizar nossa pesquisa como indutiva, pois iremos partir de um *corpus* particular, os evangelhos, para tentar formular nossas conclusões. Por se tratar de uma pesquisa documental, nosso instrumento para coleta de dados será a fonte da qual selecionamos os evangelhos, a Bíblia.

3.2 Coleta, organização do material e constituição do *corpus*

Os procedimentos dos quais lançamos mão para desenvolver a nossa pesquisa, de acordo com as categorias analíticas depreendidas dos objetivos que estabelecemos na Introdução, atendem ao objetivo geral de nosso trabalho, a saber:

- Analisar como o conjunto das construções narrativas dos evangelhos de Mateus e João consolida um projeto de dizer heterobiográfico que legitima o *ethos* soteriológico de Jesus.

De modo mais detalhado, para realizar nossas análises e contemplar nossos objetivos, adotamos os seguintes procedimentos:

- realização do procedimento para a escolha dos evangelhos a serem analisados: a escolha dos dois evangelhos - Mateus e João - se deveu ao fato de que, segundo a Bíblia, os dois tiveram contato direto com o personagem de que tratamos nesse estudo - Jesus.
- leitura atenta e pontual dos Evangelhos de Mateus e João: a leitura foi feita em dois momentos: em primeiro lugar, uma leitura atenta de cada texto e, em seguida, a leitura comparada de ambos os textos, pontuando especificamente as passagens que aparecem nos dois textos.

- análise interpretativa com o intuito de identificar o *ethos* de Jesus como legitimador de sua imagem soteriológica: a análise seguiu o modelo da análise de discurso de linha francesa - em especial com Maingueneau - levando em conta a construção dada pelos narradores e o caráter soteriológico de Jesus, segundo os evangelhos.
- destaque dos mecanismos que denotam a construção do *ethos* soteriológico, com base nas narrativas escolhidas: este destaque deu suporte à análise da construção do *ethos* de Jesus, partindo das narrativas dos feitos de Jesus que foram testemunhados pelos discípulos narradores dos evangelhos em análise.

Escolhemos a Bíblia de Jerusalém para realizar a coleta de nosso *corpus*. Esta opção se justifica, em primeiro lugar, devido a última tradução dessa Bíblia para o português ter sido realizada por uma equipe de teólogos, que reuniu católicos e protestantes, sinalizando que sua aceitabilidade pode ser maior, já que a intenção de ser neutra faz com que ela seja mais confiável. Além disso, essa é a versão brasileira da *Bible de Jérusalem*, tradução feita pela *École biblique et archéologique française de Jérusalem*, o mais antigo centro de pesquisa bíblica e arqueológica em Jerusalém. A tradução dessa versão se propõe a consultar os originais, além de incluir comentários, avisando a respeito de discrepância entre os manuscritos consultados e notas elucidativas sobre o contexto histórico, geográfico e cultural dos fatos narrados.

Após a escolha da Bíblia, a primeira etapa do trabalho foi marcada pela leitura dos dois evangelhos escolhidos, de maneira a adquirir as narrativas necessárias para nosso estudo. Vale ressaltar que não foram consideradas apenas as narrativas que ilustram ações de Jesus, mas também fatos que teriam relação com sua vida, tais como: concepção sobrenatural, nascimento, visita dos Reis, além de sua ressurreição e subida aos céus, os quais foram tomados como exemplos que confirmam, nos discursos, a imagem soteriológica desse personagem.

O processo de coleta compreendeu um método utilizado na área das Ciências Humanas e Sociais, a pesquisa documental (GIL, 2008). Optamos por esta metodologia, pois consideramos que o uso de documentos para compor uma pesquisa é relevante, visto que, a partir das informações que deles podemos extrair

e resgatar, iremos ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

É necessário esclarecer que há uma diferença entre pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Esta remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto aquela recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. E será com a primeira, a pesquisa documental que trabalharemos.

Segundo Oliveira (2007), é fundamental que entendamos o significado de fontes primárias e fontes secundárias. As fontes primárias são dados originais, a partir dos quais se tem uma relação direta com os fatos a serem analisados, ou seja, é o pesquisador que analisará. As fontes secundárias são dados que já foram trabalhados por outros estudiosos e, por isso, já são de domínio científico, o chamado estado da arte do conhecimento.

Como foi dito, levaremos em conta os Evangelhos de Mateus e João, pois, segundo a tradição cristã, apenas Mateus e João tiveram contato direto com Jesus, logo, seus textos poderiam apresentar impressões mais pessoais a respeito dos eventos narrados, e não apenas relatos baseados nas histórias ouvidas. Assim, nossa escolha pelos dois discípulos que conviveram com Jesus se apoia no fato de que há, no testemunho de seus evangelhos, a assunção do conhecimento legitimado no discurso pela relação de proximidade com o sujeito de quem se conta a história.

Na presente pesquisa, temos como objetivo principal analisar como o conjunto das construções narrativas dos Evangelhos de Mateus e João consolida um projeto de dizer heterobiográfico que legitima o ethos soteriológico de Jesus. Sendo assim será explorada e analisada com as fontes primárias aquelas que ainda não ganharam um olhar científico.

Para finalizar apresentaremos o método de abordagem para encerrar este capítulo e darmos início às análises dos dados coletados.

3.3 Método de Abordagem

Para a compreensão de um método de abordagem que atendesse a nossos objetivos, recorreremos à Teoria dos Códigos de Legitimação (TCL) de Maton (2000), que tem por propósito analisar os princípios da acumulação do conhecimento ao longo do tempo, levando em conta a experiência empírica. No contexto da TLC, todas as práticas relacionadas com o conhecimento são consideradas tomadas de posição e manifestação do mecanismo de legitimação. Para a presente análise, adotamos - de forma especial - a noção de legitimação trazida por Alexandre (2012; p. 55) e adaptado por Maia-Vasconcelos (2015) de que todos os tipos de práticas relacionadas ao conhecimento são

- a) sobre o mundo e são de responsabilidade de alguém;
- b) são orientados em relação a algo ou alguém;

Assim, nossa escolha pelos dois discípulos que conviveram com Jesus se apoia no fato de que há, no testemunho de seus evangelhos, a assunção do conhecimento legitimado no discurso pela relação de proximidade com o sujeito de quem se conta a história.

Entender como este discurso legitimador funciona na Bíblia não é tão fácil, pois tal discurso só faz sentido se entendermos os diferentes contextos em que a história de Jesus é utilizada como discurso legitimador. Neste sentido, a legitimação através do discurso histórico estaria ligada principalmente a dois momentos do desenvolvimento desta forma de religiosidade. O primeiro momento teria sido o período histórico em que tais textos foram produzidos e recebidos. As condições de recepção desses textos eram favoráveis para uma interpretação mais adequada: a cultura de quem escreveu era muito semelhante a dos que estavam recebendo; os evangelhos eram lidos na própria língua em que foram escritos, evitando prováveis problemas de traduções; o contexto sócio-histórico auxiliava na compreensão de referências a locais, pessoas, costumes e crenças. Por outro lado, poderíamos considerar um segundo momento histórico a leitura dos evangelhos por pessoas de cultura, época e língua diferentes daquelas existentes no momento da produção dessas narrativas. Toda essa mudança não permite que os leitores desse segundo momento vivenciem as mesmas impressões e construam os mesmos

sentidos que os primeiros leitores, que tiveram contato com o texto. Por isso, durante nossas várias leituras, levamos em consideração todas essas diferenças.

Assim, tendo em vista as análises que realizamos, podemos caracterizar nossa pesquisa como indutiva, pois iremos partir de um *corpus* particular, os evangelhos, para em seguida formular nossas conclusões, mais generalizadas no que diz respeito à interface teórica que estabelecemos entre os conceitos de narrativa biográfica, legitimação e *ethos*.

4 A NARRATIVA DOS EVANGELHOS EM ANÁLISE

Ouvistes que foi dito: *Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo*. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.

Mateus 5:43-44

Antes de iniciarmos a exposição dos dados e resultados, é necessário esclarecermos mais alguns pontos sobre a escrita dos evangelhos. Entre os quatro, a tradição teológica chama os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas de sinóticos, devido às grandes semelhanças que possuem, distanciando consideravelmente do evangelho de João. Carso *et al* (1997) esclarecem o tema quando afirmam que

[...] os três primeiros evangelistas narram muitos dos mesmos acontecimentos, concentrando-se nas curas, exorcismos e ensinamentos por meio de parábolas realizados por Jesus. João, embora narre algumas curas significativas, não traz qualquer relato de exorcismo nem parábolas (pelo menos das do tipo encontrado em Mateus, Marcos e Lucas). Além disso, muitos dos acontecimentos que consideramos característicos dos três primeiros evangelhos estão ausentes em João: o envio dos Doze, a transfiguração, o sermão profético, a narrativa da última ceia (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 19).

Vemos por essa declaração de Carso *et al* (1997), e pela leitura propriamente dita dos documentos, que os relatos dos três primeiros evangelhos estão muito próximos. Para os autores, inclusive, há uma crença de que Marcos e Lucas, para escreverem seus relatos, teriam se baseado no evangelho de Mateus, que teria sido o primeiro a registrar por escrito as histórias contadas. Agostinho teria sido um dos primeiros a defender essa hipótese, e defendia também que “ter fé é acreditar nas coisas que você não vê; a recompensa por essa fé é ver aquilo em que você acredita” (Agostinho, Da doutrina Cristã, 397-426). Deste modo, pensamos que os registros, cuja autoria é atribuída a Marcos e Lucas sejam uma manifestação desta fé a que se refere (Santo) Agostinho.

Não obstante a importância que esses outros evangelhos possam ter na construção da imagem de Jesus, como já destacamos no início deste trabalho, nossa análise tratará dos Evangelhos de Mateus e de João, respectivamente o

primeiro e o quarto evangelhos do Novo Testamento. O Evangelho segundo Mateus, Evangelho de São Mateus ou Evangelho de Mateus, é o primeiro livro do Novo Testamento. Este evangelho sinótico é um relato da vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré e foi escrito aproximadamente entre os anos 70 e 80 da Era Cristã. O Evangelho segundo João, Evangelho de São João ou Evangelho de João, é o quarto e último evangelho da Bíblia, após o evangelho de Lucas e antes dos Atos dos Apóstolos. Sua autoria é tradicionalmente atribuída a João, o "discípulo amado", ou João Evangelista, irmão de Tiago, e foi escrito entre os anos 95 e 100 da Era Cristã. O fator comum entre eles é uma narrativa de cunho biográfico e de exaltação.

Bourdieu (1998) explica que “[...] produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significação e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar” (BOURDIEU, 1998, p. 185). Manoel de Barros (2006), em suas *Memórias inventadas: a segunda infância*, inicia seu livro de fragmentos de lembranças afirmando “*Tudo que não invento é falso*”. O que o poeta pretende deixar entrever é um tempo invisível. É decisão do poeta deixar livre a imaginação de quem conhece sua vida sem marcação do tempo. O autor deixa ilustrar-se seu texto pela preocupação com cada palavra, com a busca pela beleza. Vemos assim que a ilusão biográfica de que nos fala Bourdieu é bem ilustrada nessa obra, pois o texto de Manuel de Barros é construído de folhas soltas, não enumeradas e que podem ser lidas em qualquer ordem. Da mesma maneira, consideramos que a ordem dos evangelhos é decisão do leitor e que os feitos de Jesus são alterados, segundo a leitura e a escrita de cada evangelista.

4.1 O Jesus narrado pelos evangelhos

Como já abordamos anteriormente, não havia apenas os quatro evangelhos que estão presentes nas Bíblias cristãs circulando entre as pessoas naquela época. Muitos outros foram escritos, mas a Igreja selecionou aqueles que considerou adequados para compor o cânon bíblico e denominou os outros escritos de “apócrifos” (do grego *apókryphos*: oculto, secreto), pois, na época, eram lidos e

divulgados de forma secreta. Não há um ano exato em que a Igreja definiu quais livros seriam aceitos como parte do cânon, mas havia uma aceitação maior dos quatro evangelhos (entre os 27 livros do NT) pelos cristãos antigos. Somente no Concílio de Trento (1545-1548), em resposta à Reforma Protestante, a Igreja Católica oficializou a aceitação de que esses quatro evangelhos teriam inspiração divina. Assim, muitos evangelhos não foram considerados como inspirados divinamente, porque traziam relatos muito divergentes, milagres extravagantes, entre outras coisas, como o abaixo, do “Evangelho Pseudo-Tomé”:

Este menino Jesus, que, na época, tinha cinco anos, encontrava-se um dia brincando no leito de um riacho, depois de haver chovido. E, represando a correnteza em pequenas poças, tornava-as instantaneamente cristalinas, dominando-as somente com a sua palavra. Fez, depois, uma massa mole com o barro e com ela formou uma dúzia de passarinhos. Era, então, um Sabbath e havia outros meninos brincando com ele. Porém, um certo homem judeu, vendo o que Jesus acabara de fazer num dia de festa, foi correndo até o seu pai José e contou-lhe tudo: Olha, teu filho está no riacho e, juntando um pouco de barro, fez uma dúzia de passarinhos, profanando com isso o dia do Sabbath. José veio ter ao local e, ao vê-lo, ralhou com ele, dizendo: Por que fazes no Sabbath o que não é permitido fazer? Mas Jesus, batendo palmas, dirigiu-se às esculturas, ordenando-lhes: Voai! E os passarinhos foram todos embora gorjeando. Os judeus, ao verem isso, encheram-se de admiração e foram contar aos seus superiores o que haviam visto Jesus fazer (Tricca, 1995, p. 130).

É interessante notar que essa narrativa, embora não seja aceita como um evangelho, já demonstra o poder desse personagem e seu caráter sobrenatural - essa característica de sobrenatural o remete a um patamar diferente dos homens da Terra. Sua consciência de seus poderes parece assim notória já em sua infância. Se retomarmos a ideia de que a heroicização do personagem central da narrativa assume necessariamente o principal objetivo dos biógrafos (KURZ E KRIS, 1998), poderemos compreender que as narrativas dos evangelhos - a despeito das inúmeras traduções -, procuram exaltar a essência soteriológica de Jesus.

Essa percepção nos conduz a responder a nosso questionamento sobre os projetos de dizer dos evangelistas, pois temos esse *a priori* da intencionalidade em, retratando o poder salvífico de Jesus - filho de Deus -, concentrar nas descrições e narrações dos fatos vividos por este personagem sua característica de Salvador, tal como se vê no início do evangelho de Mateus, quando da descrição da intervenção do anjo junto a José:

“José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados’. Tudo

isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta” (Mateus 1: 20-22).

Havia ainda relatos que não condiziam com o caráter que os evangelhos canônicos ressaltavam em Jesus, de alguém que pregava o amor e o perdão, como nos seguintes trechos do “Evangelho Árabe da Infância” (Tricca, 1992):

Um outro dia, o Senhor Jesus voltava à noite para casa com José, quando uma criança passou correndo na sua frente e deu-lhe um golpe tão violento que o Senhor Jesus quase caiu, e ele disse a essa criança: Assim como tu me empurraste, cai e não te levantes mais. E, no mesmo instante, a criança caiu no chão e morreu (Tricca, 1992, p. 173).

Conduziram-no em seguida a um professor mais sábio, e assim que o viu: Dize Aleph, pediu-lhe ele. E, quando ele disse Aleph, o professor pediu-lhe que pronunciasse Beth. E o Senhor Jesus respondeu-lhe: Dize-me o que significa a letra Aleph, e então eu pronunciarei Beth. O mestre, irritado, levantou a mão para bater nele, mas sua mão secou instantaneamente, e ele morreu. Então, José disse a Maria: Daqui por diante, não devemos mais deixar o menino sair de casa, pois qualquer um que se oponha a ele é fulminado pela morte (Tricca, 1992, p. 174).

Diante do pretenso celibato de Jesus defendido pelas igrejas, um dos mais polêmicos relatos que aparecem em alguns evangelhos apócrifos foi um suposto caso de amor entre Jesus e Maria Madalena, como pode ser lido nesse trecho do “Evangelho de Filipe”:

A Sofia – a quem chamam “a estéril” – é a mãe dos anjos: a companheira de Cristo é Maria Madalena. O Senhor amava Maria mais do que a todos os discípulos e a beijou na boca repetidas vezes. Os demais lhe disseram: Por que a queres mais que a todos nós? O Salvador respondeu e lhes disse: A que se deve isso, que não vos quero tanto quanto a ela? (Tricca, 2005, p. 188).

Logo, como explica Postal (2010, p. 34), houve duas etapas seletivas para filtrar os traços de caráter de Jesus, que passariam para os dias de hoje. A primeira foi realizada pelos próprios escritores, que selecionaram, conforme suas intenções persuasivas, quais as imagens de Jesus iriam mostrar em seus evangelhos.

A segunda etapa foi realizada pelos patriarcas da Igreja Primitiva, que analisaram e escolheram quais seriam os traços de caráter, que melhor se adequaria aos dogmas da comunidade cristã da época. Como já explicamos, os evangelhos mais próximos são os de Mateus, Marcos e Lucas, considerados sinóticos por causa da proximidade de seus escritos, sendo João o único canônico que traz uma visão mais diferenciada de Jesus.

Entre os critérios adotados pela Igreja para selecionar o cânon, estavam a apostolicidade, a ortodoxia e a relevância. O critério da apostolicidade exigia que o evangelho tivesse sido escrito por alguém, que era apóstolo de Jesus ou muito próximo de algum apóstolo. O critério da ortodoxia exigia que o evangelho não apresentasse contradições aos relatos orais divulgados inicialmente. E o critério da relevância observava se o evangelho era aceito e usado por toda a igreja primitiva, não apenas por grupos restritos (POSTAL, 2010, p. 32).

Ainda assim, relatos considerados polêmicos podem ser encontrados nos evangelhos canônicos, que são dissonantes em relação à imagem de Jesus que é mostrada na maior parte da narrativa. Um exemplo é quando Jesus faz referência a uma mulher fenícia (cananeia), portanto estrangeira para os judeus, utilizando a palavra “cachorrinhos”, fato que já explicamos anteriormente. De qualquer forma, percebemos que, apesar dos filtros usados para a construção de um *ethos* de Jesus por meio de seus feitos, há trechos dos evangelhos que se distanciam desse objetivo.

Entretanto, na maior parte da narrativa dos evangelhos, a imagem de Jesus é associada ao maravilhoso, ao fantástico. Desde o anúncio de sua concepção, feito por um anjo, seu nascimento virginal, pois teria sido concebido por Deus, os milagres que realizou durante a vida, o episódio que ocorre após sua morte, narrado por Mateus: “E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras;” (Mateus 27:51), e até mesmo quando, no terceiro dia após a crucificação, teria ressuscitado.

Para os cristãos, a partir deste evento se estabeleceu a Nova Aliança: por intermédio de Jesus Cristo, os homens passam a ter acesso direto a Deus Pai, tal como indica a oração do Pai Nosso⁸, chamado de pai por Jesus e indicado como pai de todos os homens, sem a necessidade de qualquer outra intermediação que não seja o Filho, sem a necessidade de qualquer sacrifício físico, sem a necessidade de quaisquer obras humanas. Este fenômeno porá fim, para os novos cristãos, às oferendas de animais nos templos.

⁸ Oração do Pai Nosso: Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu; O pão nosso de cada dia nos dá hoje; E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores; E não nos conduzas à tentação; mas livra-nos do mal; porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém (Mateus 6:9-13)

O maravilhoso se deflagra também em momentos que podem ser considerados chave da narrativa. Adotamos aqui a perspectiva de Bourdieu (1998, p. 184), de que “o relato biográfico [...] propõe acontecimentos que tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis [...] como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário”. Consideramos, com Maia-Vasconcelos (2010), que a sequência, seja em que organização se dê, é um efeito-chave da narração biográfica. A autora defende ainda que o efeito do ficcional em relatos biográficos não perde em coerência e veracidade do que foi vivenciado pelo sujeito.

Vejamos abaixo um quadro que relaciona os relatos sobre a concepção divina de Jesus nos quatro evangelhos que compõem o Novo Testamento:

A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitasse, achou-se grávida pelo Espírito Santo (Mateus 1:18).

E, logo ao subir da água, ele viu os céus rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até Ele, e uma voz dos céus: “Tu és o meu Filho amado, em Ti me comprazo” (Marcos 1:10-11).

O Anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. (...) Maria, porém, disse ao Anjo: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” O anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o *Santo* que nascer *será chamado* Filho de Deus” (Lucas 1:30-35).

[...] ele [Jesus], que não foi gerado nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade (João 1:13-14).

Talvez pela rudeza de sua formação e sua profissão anterior ao apostolado, Mateus descreve de maneira muito rápida e objetiva a relação de Maria com Jesus em sua concepção. Vemos que Lucas também deixa clara a concepção de Jesus pelo Espírito Santo, tal como testemunha o texto atribuído a João.

Vemos, entretanto, que Marcos, que aqui trazemos como comparação, não se detalha sobre a concepção de Jesus, mas sobre a revelação feita a Jesus no momento do Batismo. Para alguns, como os seguidores de uma doutrina chamada Adocionismo, Jesus teria nascido humano, mas se tornou posteriormente divino por ocasião do seu batismo, momento em que teria sido adotado como filho de Deus.

Como podemos notar, a crença de que Jesus foi concebido por Deus está presente em todos os evangelhos, porém, apenas Lucas relata o anúncio feito por um anjo à Maria. Para Marcos, entretanto, o nascimento se faz com o batismo. É necessário mencionar que o fato de Jesus não ter paternidade humana simboliza, para os cristãos, que ele não herdou o pecado. Segundo o relato bíblico, através de Adão, o pecado atingiu a humanidade. Assim, por crerem que Jesus não fora concebido por um homem, os cristãos acreditam que ele não herdou o pecado de Adão, portanto, não poderia pecar. Além disso, essa concepção é usada para fundamentar a crença de que Jesus possuía duas naturezas em si: a humana e a divina. Uma proveniente da maternidade humana e outra, da paternidade divina. Retomando a perspectiva de Bourdieu (1998, p. 183) de que

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história e que, [...] uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. [...] Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um 'sujeito' cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurda quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes relações” (BOURDIEU, 1998, p. 183).

Entendemos assim, que a relação estabelecida por Jesus ao Pai, bem como as relações estabelecidas pelos discípulos, não somente a Deus Pai, como às escrituras que prometeram o Salvador (Miqueias 5:2), e confirmadas pelas palavras de Jesus, como na passagem em Mateus: “E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mateus 28.18). Embora a crença nos evangelhos esteja vinculada à fé cristã, o que podemos antecipar aqui, como prévia a estudos posteriores, é a relação dos textos biográficos que surgem nos evangelhos com textos que profetizaram a vinda do Jesus Salvador e com a Nova Aliança prometida.

Segundo o judaísmo, existem diversas alianças entre Deus e o povo judeu. Repetidamente, os patriarcas e reis fizeram alianças, como Noé (Gênesis 9:8-16), Abraão (Gênesis 12:1-3), Israel (Êxodo 19:5), Davi (Salmos 89:3,4), entre outros. Porém, durante a narrativa da fuga do Egito, Moisés apresenta aos hebreus os Dez mandamentos, juntamente com um código que continha 613 leis e mandamentos. Esse código simbolizava o que os cristãos chamam de Antiga Aliança e especificava toda a conduta que os israelitas deveriam manter para serem

protegidos por Deus, desde o modo como deveriam se relacionar entres si e com outros povos, os alimentos que poderiam (ou não) comer, as coisas que poderiam tocar, e até mesmo o modo como deveriam cultuar. Entretanto, segundo as próprias escrituras judaicas, o povo vivia quebrando essa aliança, pois não obedecia a todos os mandamentos, o que tinha graves consequências, como morte física e condenação da alma.

Também a primeira aliança tinha, com efeito, um ritual para o culto e um santuário terrestre. Pois instalou-se uma Tenda: uma primeira tenda, chamada Santo, onde se encontravam o candelabro, a mesa e os pães da proposição. Por detrás do segundo véu havia outra tenda, chamada Santo dos Santos, com o altar de ouro para os perfumes, a arca da aliança toda recoberta de ouro e, nesta, um vaso de ouro com o maná, o bastão de Aarão que florescera e as tábuas da aliança; por cima da arca, os querubins da glória cobriam com a sua sombra o propiciatório. Todavia, não é o momento de falar disso nos pormenores. Estando as coisas assim dispostas, os sacerdotes entram a qualquer momento na primeira tenda, para realizar o serviço cultual. Na segunda, porém, entra apenas o sumo sacerdote, e somente uma vez por ano; e isso não acontece sem antes oferecer sangue por suas falhas e pelas do povo (Hebreus 9:1-7).

O trecho anterior demonstra como era o Templo e o ritual de expiação de pecado na Antiga Aliança. Para ser complacente, Deus teria resolvido fazer uma Nova Aliança, dessa vez infalível e imutável. O cristianismo acredita que para isso enviou Jesus, seu filho, que estaria em uma posição superior a do homem, imaculado. Seu sacrifício seria necessário e marcaria o início de uma Nova Aliança, que dispensaria os rituais antigos, pois a morte de Jesus pagaria por todos os pecados da humanidade:

Eis por que ele [Jesus] é mediador de uma nova aliança. A sua morte aconteceu para o resgate das transgressões cometidas no regime da primeira aliança; e, por isso, aqueles que são chamados recebem a herança eterna que foi prometida. Com efeito, onde existe testamento, é necessário que se constate a morte do testador. O testamento, de fato, só tem valor no caso de morte. Nada vale enquanto o testador estiver vivo (Hebreu 9:15-17).

Para os cristãos, essa aliança só é possível porque Jesus não é um mero ser humano, mas, como vimos na narrativa de João, ele era o Verbo encarnado, o “Filho único” de Deus. Assim, todos os evangelistas concordam que sua concepção foi divina, isto é, ele não teria precisado de pai biológico.

Além da concepção, o nascimento de Jesus também é retratado de forma mística, como o aparecimento de uma estrela que estava guiando magos do Oriente

até a casa de Jesus e um anjo anunciando a chegada do recém-nascido - um Rei - para pastores de ovelhas em Belém.

Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: "Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos a sua estrela no céu surgir e viemos homenageá-lo". (...) E eis que a estrela que tinham visto no céu surgiu à frente deles até que parou sobre o lugar onde se encontrava o menino. Eles, revendo a estrela, alegraram-se imensamente. Ao entrar na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam (Mateus 2:1-11).

Essa passagem retoma a perspectiva do sobrenatural de que falamos pouco antes. Em nossa sociedade moderna da comunicação, encontrar uma criança poderia ser considerado viável, mas em um mundo em que as comunicações dependiam da ação absolutamente humana, seria muito improvável obter sucesso.

Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto, e ela deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o com faixas e reclinou-o numa manjedoura, porque não havia um lugar para eles na sala. Na mesma região havia uns pastores que estavam nos campos e que durante as vigílias da noite montavam guarda a seu rebanho. O Anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor envolveu-os de luz; e ficaram tomados de grande temor. O anjo, porém, disse-lhes: "Não temais! Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: Nasceu vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolto em faixas deitado numa manjedoura". E de repente juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste a louvar a Deus dizendo: "Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens que ele ama! "Quando os anjos os deixaram, em direção ao céu, os pastores disseram entre si: "Vamos já a Belém e vejamos o que aconteceu, o que o Senhor nos deu a conhecer". Foram então às pressas, e encontraram Maria, José e o recém-nascido deitado na manjedoura (Lucas 2:6-16).

O texto de Lucas, embora notadamente histórico, pela riqueza de detalhes, não deixa de remeter a fenômenos sobrenaturais, como o aparecimento do anjo aos pastores. Em seguida, vê-se a aparição do exército celeste.

Não há relato do nascimento de Jesus nos Evangelhos de Marcos e João, e há algumas peculiaridades entres os outros dois evangelhos que citam esse momento. Mateus narra que Jesus nasceu em Belém e não apresenta mais nenhum detalhe. Fala somente da visita de magos do Oriente guiados por uma estrela, mas não especifica quanto tempo após o parto esses magos chegaram à casa de Maria, e, tendo em vista que o texto se refere a Jesus como "menino", e não "bebê", não se pode afirmar que no dia do seu nascimento, o menino Jesus tenha recebido a visita dos magos. Já Lucas narra que um anjo anunciou o nascimento de Jesus a pastores

de ovelhas que estavam próximos, os quais foram à Belém e encontraram Jesus deitado em uma manjedoura. Além disso, o texto fala de uma “multidão do exército celeste” que se junta para louvar a Deus. É impossível compreender o que significa este exército celeste de que tratam os relatos.

Outra cena em que os evangelistas retratam Jesus como alguém especial, ressaltando sua origem divina é a do seu batismo por João Batista. Todos os evangelhos citam esse fato. No evangelho de João, a narrativa parece tomar como ponto de vista João, o Batista, primo de Jesus, segundo trata o evangelho de Lucas. O evangelho de João deixa evidente um fenômeno narrado, desta vez, pelo Batista:

No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Este é aquele do qual eu disse: Após mim vem um homem que é antes de mim, porque foi primeiro do que eu. E eu não o conhecia; mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim eu, por isso, batizando com água. E João testificou, dizendo: Eu vi o Espírito descer do céu como pomba, e repousar sobre ele. E eu não o conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito, e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo. E eu vi, e tenho testificado que este é o Filho de Deus (João 1:29-34).

Nos evangelhos chamados sinóticos, as narrativas são muito próximas em descrever o fenômeno do batismo, com a imagem da pomba que desce sobre Jesus, como sinal do Espírito Santo. Esta relação com o Espírito Santo é também um exemplo da demonstração do Jesus Salvador, de um sujeito que provoca uma abertura dos céus:

Batizado, Jesus subiu imediatamente da água e logo os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo **como uma pomba** e vindo sobre ele. Ao mesmo tempo, uma voz vinda dos céus dizia: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mateus 3:16-17).

E, logo ao subir da água, ele viu os céus rasgando e o Espírito, **como uma pomba**, descer até Ele, e uma voz dos céus: "Tu és o meu Filho amado, em Ti me comprazo" (Marcos 1:10-11).

Ora, tendo todo o povo recebido o batismo, e no momento em que Jesus, também batizado, achava-se em oração, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal, **como pomba**. E do céu veio uma voz: "*Tu és o meu Filho; eu, hoje, te gerei!*" (Lucas 3:21-22).

Muitas são obras de arte que ilustraram a cena do batismo de Jesus. Em todas as ilustrações que pudemos encontrar, em inúmeros sites na Internet, tais

como a Figura 4, a imagem de uma pomba descendo sobre Jesus, descrita nos evangelhos de Lucas, Marcos e Mateus, que representaria o recebimento do Espírito Santo, é comum.

Figura 4 – Batismo de Cristo 1481-1483. Por Perugino, na Capela Sistina, Vaticano.



Fonte: www.cgfaonlineartmuseum.com/perugino/p-perugino23.htm

Precisamos analisar aqui dois pontos que consideramos relevantes: primeiro a simbologia do mergulho na água. Essa cena se repete até hoje, de maneiras diferentes, em todas as igrejas cristãs. Segundo, a descida da pomba sobre a cabeça de Jesus. Não fica claro em nenhum dos textos se Jesus e, apenas, Jesus teve essa visão (e depois contou aos seus discípulos), nem se isso é uma metáfora para falar sobre uma unção recebida naquele momento. Lucas e João testemunham o acontecido. Lucas dá a ideia de que ocorreu literalmente quando fala que “o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal” (Lucas 3:22). João narra o testemunho do Batista (João 1:32). É interessante notar que a frase dita pela voz em Lucas diferencia-se consideravelmente de Mateus e Marcos, o que nos permite intuir as mudanças provocadas pelos relatos orais ao mesmo tempo, que denuncia a subjetividade dos textos. De qualquer forma, seu batismo reforça que a imagem divinal é um objetivo comum aos quatro evangelistas.

Outra característica de Jesus que é comum aos quatro evangelhos é a realização de milagres e feitos sobrenaturais. Não é nossa intenção julgar todos os feitos considerados milagrosos, porque não é objetivo de nosso trabalho, mas visualizar e analisar o discurso de que se utilizam os discípulos para narrar o caráter sobrenatural e salvífico de Jesus. Abaixo, podemos observar uma grande diversidade de milagres que revelam os poderes que os discípulos atribuíram a Jesus por sua divindade anunciada:

Poder sobre a natureza:

Depois disso, entrou no barco e os seus discípulos o seguiram. E, nisso, houve no mar uma grande agitação, de modo que o barco era varrido pelas ondas. Ele, entretanto, dormia. Os discípulos então chegaram-se a ele e o despertaram, dizendo: "Senhor, salva-nos, estamos perecendo!" Disse-lhes ele: "Por que tendes medo, homens fracos na fé?" Depois, pondo-se de pé, conjurou severamente os ventos e o mar. E houve uma grande bonança. Os homens ficaram espantados e diziam: "Quem é este a quem até os ventos e o mar obedecem?" (Mateus 8:23-27).

Vemos nessa passagem que Jesus não convenceu os seus discípulos somente por sua aparência. Foi necessário a cada momento, que revelasse aos seus companheiros de jornada o quão grande era seu poder, inclusive no que tange à natureza. Quem dentre os homens seria capaz de promover a calmaria dos mares senão um enviado de Deus, que lhe deu todos esses poderes? Sabemos que é muito difícil acreditar em alguém, que parece tão humanos quantos nós, porém que se destaca da raça humana por ter a possibilidade de operar milagres, tais como os que são narrados pelos evangelistas.

Poder sobre as leis da física:

Tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, quando viram Jesus aproximar-se do barco, caminhando sobre o mar. Ficaram com medo. Jesus, porém, lhes disse: "Sou eu. Não temais" (João 6:19-20).

Esta passagem reflete talvez uma das mais flagrantes manifestações dos poderes sobrenaturais de Jesus, sendo indicada na Bíblia como uma das provas da divindade de Jesus. A narrativa de João, apesar de ser um dos discípulos que tiveram contato com Jesus, é claramente distanciada de subjetividade. Observamos que João não se inclui na narrativa, como em: "viram Jesus se aproximar". Nossa observação nos intui que esse isolamento de João seria uma garantia de veracidade.

Poder sobre as doenças:

Ao entrar em Cafarnaum, chegou-se a ele um centurião que lhe implorava e dizia: "Senhor, o meu criado está deitado em casa parálítico, sofrendo dores atrozes". Jesus lhe disse: "Eu irei curá-lo". Mas o centurião respondeu-lhe: "Senhor, não sou digno de receber-te sob o meu teto; basta que digas uma palavra e o meu criado ficará são. Com efeito, também eu estou debaixo de ordens e tenho soldados sob o meu comando, e quando digo a um 'Vai!', ele vai, e a outro 'Vem!', ele vem; e quando digo ao meu servo: 'Faze isto', ele o faz". Ouvindo isso, Jesus ficou admirado e disse aos que o seguiam: "Em verdade vos digo que, em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé. Mas eu vos digo que *virão* muitos *do oriente e do ocidente* e se assentarão à mesa no Reino dos Céus, com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do Reino" serão postos para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes". Em seguida, disse ao centurião: "Vai! Como creste, assim te seja feito!" Naquela mesma hora o criado ficou são (Mateus 8:5-13).

Ouvindo dizer que Jesus viera da Judéia para a Galileia, foi procurá-lo, e pedia-lhe que descesse e curasse seu filho, que estava à morte. Disse-lhe Jesus: "Se não virdes sinais e prodígios, não creereis". O funcionário real lhe disse: "Senhor, desce, antes que meu filho morra!" Disse-lhe Jesus: "Vai, o teu filho vive". O homem creu na palavra que Jesus lhe havia dito e partiu. Ele já descia, quando os seus servos vieram-lhe ao encontro, dizendo que o seu filho vivia. Perguntou, então, a que horas ele se sentira melhor. Eles lhe disseram: "Ontem, à hora sétima, a febre o deixou". Então o pai reconheceu ser precisamente aquela a hora em que Jesus lhe dissera: "O teu filho vive" e creu, ele e todos os da sua casa (João 4:47-53).

O poder de cura é uma das manifestações que, ao mesmo tempo, amedrontam e refletem a capacidade salvífica de Jesus. Vemos que ao narrar, os sujeitos narrantes se distanciam dos acontecimentos. Pensamos que esse distanciamento é um reflexo de uma tentativa de tornar verificável a imagem do Cristo.

Poder sobre a morte:

Retiraram, então, a pedra. Jesus ergueu os olhos para o alto e disse: "Pai, dou-te graças porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves; mas digo isso por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que me enviaste". Tendo dito isso, gritou em alta voz: "Lázaro, vem para fora!" O morto saiu, com os pés e mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus lhes disse: "Desatai-o e deixai-o ir embora" (João 11:41-44).

Nesta passagem, o ato de ressurreição é uma grande prova do poder de Jesus. Ser capaz de roubar alguém da morte é, seguramente, uma indicação de que Jesus veio ao mundo para salvar, para curar e para livrar da morte, característica considerada na Bíblia como elemento de credibilidade da imagem de um Jesus salvador, de um Jesus sobrenatural e que está além da vida e da morte.

Poder sobre os demônios:

Ao chegar ao outro lado, ao país dos gadarenos, vieram ao seu encontro dois endemoninhados, saindo dos túmulos. Eram tão ferozes que ninguém podia passar por aquele caminho. E eis que se puseram a gritar: "Que queres de nós, Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do tempo?" Ora, a certa distância deles havia uma manada de porcos que estava pastando. Os demônios lhe imploravam, dizendo: "Se nos expulsas, manda-nos para a manada de porcos". Jesus lhes disse: "Ide". Eles, saindo, foram para os porcos e logo toda a manada se precipitou no mar, do alto de um precipício, e pereceu nas águas (Mateus 8:28-32).

Apesar de todos esses indícios de que era um ser sobrenatural, Filho de Deus, Jesus também é retratado como humano, pois segundo os relatos dos evangelhos, ele sentia fome, sede, raiva, tristeza e alegria. Por causa disso, a maioria dos cristãos acredita que Jesus possuía duas naturezas: uma natureza humana, por sua encarnação, nascimento, vida e morte; e divina, por sua capacidade de realizar milagres e estar em consonância com Deus. Sobre sua natureza humana, podemos observar algumas passagens narradas pelos evangelhos que podem ser atribuídas a qualquer homem, tais como:

Fome:

Por quarenta dias e quarenta noites esteve jejuando. Depois teve fome (Mateus 4:2).

Sede:

Depois, sabendo Jesus que tudo estava consumado, disse, para que se cumprisse a Escritura até o fim: "Tenho sede!" (João 19:28).

Tristeza:

Chegando ao lugar onde Jesus estava, Maria, vendo-o, prostrou-se a seus pés e lhe disse: "Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido". Quando Jesus a viu chorar e também os judeus que a acompanhavam, comoveu-se interiormente e ficou conturbado. E perguntou: "Onde o colocastes?" Responderam-lhe: "Senhor, vem e vê!" Jesus chorou (João 11:32-35).

Alegria:

Eu vos digo isso para que a minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena (João 15:11).

Admiração:

Ouvindo isso, Jesus ficou admirado e disse aos que o seguiam: "Em verdade vos digo que, em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé (Mateus 8:10).

Raiva:

E perguntou-lhes: "É permitido, no sábado, fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou matar?" Eles, porém, se calavam. Repassando estão sobre eles um olhar de indignação. E entristecido pela dureza do coração deles, disse ao homem: "Estende a mão". Ele a estendeu, e sua mão estava curada (Marcos 3:4-5).

Fadiga

Ali se achava a fonte de Jacó. Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte (João 4:6).

Essas necessidades, expostas por todos os evangelhos caracterizam Jesus como humano, não apenas como o Filho de Deus, que possui poderes sobrenaturais. Mas, além dos relatos sobre as necessidades físicas que ele sentia, Jesus também é retratado como um homem que comia e bebia com pessoas comuns, pecadores, publicanos⁹ e fariseus¹⁰. Sendo por isso acusado de beberrão por alguns judeus ortodoxos, como os próprios fariseus.

Algumas passagens, que exemplificamos a seguir, ilustram a presença de Jesus em ocasiões de festejos e de refeições com diferentes grupos de pessoas:

a) conhecidos

E, ao terceiro dia, fizeram-se umas bodas em Caná da Galileia; e estava ali a mãe de Jesus. E foi também convidado Jesus e os seus discípulos para as bodas (João 2:1-3).

b) discípulos

Disse-lhes Jesus: "Vinde comer!" Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: "Quem és tu?", porque sabiam que era o Senhor (João 20:12-13).

c) publicanos

Aconteceu que estando ele à mesa na casa, vieram muitos publicanos e pecadores e se assentaram à mesa com Jesus e seus discípulos. Os fariseus, vendo isso, perguntaram aos discípulos: "Por que come o vosso Mestre com os publicanos e os pecadores?" (Mateus 9:10-11).

⁹ Coletores de impostos nas províncias do Império Romano. Além de representarem a opressão do Império Romano sobre a nação judia, muitos deles extorquiam o povo e não eram justos nas cobranças, por isso era odiados pelos judeus.

¹⁰ Seita de judeus devotos à Torá, extremamente religiosos e ferrenhos opositores de Jesus.

d) pecadores

Aconteceu que, estando ele à mesa em casa, vieram muitos publicanos e pecadores e se assentaram à mesa com Jesus e seus discípulos (Mateus 9:10).

e) fariseus

Um fariseu convidou-o a comer com ele. Jesus entrou, pois, na casa do fariseu e reclinou-se à mesa (Lucas 7:36).

f) uma multidão

Em seguida, partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos às multidões. Todos comeram e ficaram saciados, e ainda recolheram doze cestos cheios dos pedaços que sobraram. Ora, os que comeram eram cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças (Mateus 14:19-21).

Intuímos que, para os evangelistas, a construção discursiva de um Jesus inserido socialmente poderia ser uma maneira de dar mostras de sua humildade, apesar de sua grandeza como filho de Deus, mas também constrói uma imagem de um Jesus, que não se exime de uma população de pessoas comuns, sem nada que os torne especiais. Por isso, a presença de Jesus entre pecadores, fariseus e publicanos escandaliza autoridades da época, mas também seus discípulos, que não entendem, até então, o que Jesus anuncia sobre sua missão:

Os fariseus, vendo isso, perguntaram aos discípulos: "Por que come o vosso Mestre com os publicanos e os pecadores?" Ele, ao ouvir o que diziam, respondeu: "Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide, pois, e aprendei o que significa: *Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício*. Com efeito, eu não vim chamar justos, mas pecadores" (Mateus 9: 11-13).

Essa imagem que os discípulos erigem de Jesus em seus evangelhos é nosso guia para a compreensão do projeto de narrar, que esses seguidores estabelecem ao transmitir e disseminar a vida e a obra de Jesus, no cenário construído nos evangelhos e de que trataremos na próxima seção.

4.2 Do projeto de dizer narrativo

Em sua tese de doutoramento, Tavares (2015) recorre a Giddens (2002) para discutir "[...] os modos de construção identitária na alta modernidade" em que a "autoidentidade se torna um empreendimento reflexivamente organizado" (TAVARES, 2015, p. 58). A autora discute a impossibilidade de se compreender

esse “empreendimento” fora da inclusão de um projeto cuja marca da intencionalidade se faz presente, conceito proposto por Simmel (cf. GIDDENS, 2002), que faz alusão à possibilidade que os sujeitos têm de desenvolver ou de se assenhorar (dentro de uma perspectiva que consideramos moderna) de tomarem suas vidas por meio de um projeto de autoapresentação organizado ativamente. Convergindo com a perspectiva de Giddens e de Tavares, consideramos que os evangelhos permitem de maneira ostentosa visualizar uma intencionalidade em seus textos, embora não sejam textos autobiográficos. Não se tem notícias de textos sequer aproximados aos evangelhos. Assim, podemos, obedecendo à linha defendida por Tavares, pensar num estudo que trate sobre a heteroapresentação ou um projeto de heteroapresentação de Jesus, uma vez que os textos levam a público uma história jamais vista, fundamentada em histórias orais que revelam uma realidade esperada por um pequeno povo, que, em verdade, não chegou propriamente a abraçar a causa. Ainda conforme Tavares (2015, p. 58), “[...] o empreendimento narrativo é tão somente uma das formas de tornar esse projeto realizável”. Há tantas formas de autoapresentação quanto existem projetos de dizer (cf. BAKHTIN, 2011) que estão à disposição dos indivíduos interessados em uma ação linguageira sobre os sentidos.

O “projeto de autoapresentação narrativa” defendido por Tavares (2015), comporta basicamente três características fundamentais:

é continuamente reelaborado pelos sujeitos, a partir de investimentos dinâmicos em fachadas; está ligado necessariamente a escolhas de estilos de vida, entendidos como planejamento de vida reflexivamente organizado ou decisões tomadas e cursos de ação seguidos e consiste em que os sujeitos mantenham “narrativas biográficas coerentes” (TAVARES, 2015, p. 58).

Tavares (2015) também recorre ao conceito de “fachada” proposto por Goffman (2013, p. 29), descrito como “[...] o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”. Essa conceptualização ganha importância em nosso estudo porque, ao se aproximar do que temos compreendido por imagem, as evidências históricas mostram que os evangelhos foram reconstruídos, como numa busca de dizimar uma possível imagem negativa do Cristo e enfatizar a imagem soteriológica que chega a nossos dias. Uma imagem santificada, de representação salvífica é uma fachada que circunscreve Jesus em uma aura mais convincente da imagem de

Deus, buscando-se eliminar o que não condiz com o papel, que se busca representar, e enfatizar sobre o Jesus narrado. Tavares (2015) entende que a fachada possa ser construída em termos discursivos, não apenas em termos dos aspectos materiais a que Goffman alude. A autora defende que a narrativa de modo geral é pródiga em construir imagens, locais, sensações e impressões diversas. Essa definição nos permite compreender as diversas construções sobre a imagem do Jesus soteriológico.

Diante do exposto, procederemos com uma análise do projeto de dizer narrativo dos evangelhos de Mateus e João, observando quais seriam os propósitos por trás das escolhas realizadas pelos autores.

MATEUS

Jesus é apresentado desde o início do evangelho de Mateus sob um duplo aspecto. Ele é descendente de Davi e por essa razão o lugar de Rei que Deus destinaria, em princípio a Davi, agora, lhe pertence. Jesus é da mesma forma descendente de Abraão, por isso tem tanto direito aos lugares como a todas as bênçãos prometidas ao Messias. Isto posto, lemos a genealogia de Jesus, desde Abraão até José e Maria. Esta é sua genealogia oficial, de acordo com a tradição judaica.

O Evangelho de Mateus, ainda na introdução, deixa evidente sua intenção de dar testemunho da vinda de Jesus como o Messias prometido aos judeus, ao relatar a vida de Jesus, suas caminhadas e seus milagres diversos. Seu Evangelho se inicia com uma descrição genealógica que liga o “salvador” a Abraão e a Davi: “Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mateus 1:1). Essa ligação ressalta a origem hebraica de Jesus e sua filiação à tribo de Judá, pela genealogia de Davi, até chegar a José, seu pai na terra. Percebemos ao longo da descrição disposta por Mateus uma intenção de ratificar a ascendência de Jesus a Davi e, assim, confirmar as profecias que compunham as escrituras para legitimar o messianismo de Jesus, evidenciado no Versículo 6 do Capítulo 1 de Mateus inspirado em Miqueias (5:1): “E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o menor entre os clãs de Judá, pois de ti sairá um chefe que apascentará Israel, o meu povo”

(Mateus 1:6). Esta profecia indica o conhecimento que seu público tinha também das escrituras, o que nos permite intuir que Mateus se dirigia aos judeus. Mas se os primeiros versículos confirmam que Jesus era verdadeiramente um homem, a sequência deste mesmo capítulo nos mostra que Ele era muito mais do que um simples homem: Ele é mostrado como a encarnação de Deus; Ele era Deus mesmo, presente e tornado homem entre os homens.

Em seguida, é narrada a visita que José recebe de um anjo explicando porque Maria estava grávida, apesar de ainda ser virgem. Não há referência, entretanto, à anunciação de Maria pelo anjo Gabriel, fato de senso comum sobre a chegada do Nazareno. O narrador mais uma vez utiliza uma referência aos escritos hebraicos para enquadrar a figura de Jesus como o Messias. Mostra-se claramente nos textos de Mateus, um propósito enunciativo de engajamento de seus ouvintes, pelo uso de linguagem mais fluida (aqui se consideram as traduções estudadas) como em uma conversação amigável, tal qual no exemplo: "Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim" (Mateus 1:18).

O papel representado pelos personagens divinos é dominante, por meio de sonhos e visões, pois é sempre Deus que, neste caso, toma a iniciativa dos acontecimentos. É interessante notar que José, como personagem desta história de divindade, mostra a docilidade e a obediência, pois se deixa levar pelos acontecimentos e se guiar incondicionalmente pela vontade desse Deus supremo. Sem contestações, este ato de fé em Deus demonstra, que para todos os filhos de Deus, a docilidade e a disponibilidade em servir a Deus é salutar, beneficiária, mesmo diante do sofrimento, ainda que uma explicação objetiva nos escape inteiramente neste mundo de mortais.

Nesse evangelho, não há muitos detalhes a respeito do nascimento de Jesus, mas é dada importância ao episódio que relata a visita dos "magos do Oriente", que procuravam pelo "rei dos judeus recém-nascido". O evangelho relata então a ira de Herodes, o decreto para matar todos os recém-nascidos, a fuga de José e Maria para o Egito, além do retorno para Nazaré. Todos esses fatos são usados em referências a profecias antigas, demonstrando uma constante preocupação com a imagem de Jesus, desde os eventos que envolvem o seu nascimento. Essa preocupação em ligar os fatos da vida de Jesus às profecias

hebraicas estará presente em toda a narrativa de Mateus, como no batismo de Jesus, as escolhas dos discípulos, alguns de seus feitos, sua morte e ressurreição. Essa estratégia é o que diferencia Mateus dos demais evangelhos, e nos permite pressupor que ele tinha a intenção de escrever para um público que conhecia as leis e profecias hebraicas, os judeus.

O messianismo de Mateus chega a ser exclusivista, contemplando inicialmente apenas os judeus. Essa característica é reforçada por alguns discursos de Jesus, fato que pode causar polêmicas, porque os judeus demonstravam menosprezo por estrangeiros, sobretudo por samaritanos. Os samaritanos constituem um pequeno grupo étnico-religioso que vive em Israel e é descendente de povos que habitavam aquela região, por isso, seus membros são considerados parentes dos judeus. A religião dos samaritanos se baseia no Pentateuco, da mesma forma que o Judaísmo, mas não aceita toda a importância religiosa dada à Jerusalém, nem alguns textos sagrados judaicos, como o Talmude¹¹. Apesar de serem identificados como judeus pelo Estado de Israel, os judeus ortodoxos não reconhecem tal nacionalidade para os samaritanos, nem mesmo os consideram seguidores do Judaísmo. Esse preconceito tão arraigado na cultura semita pode ter sido reproduzido pelo evangelho de Mateus, pois provavelmente foi escrito por um judeu e direcionado à comunidade judia da época. Em uma passagem desse evangelho, vemos Jesus dar uma ordem direta a seus discípulos, aconselhando-os a evitar as cidades estrangeiras quando saíssem para divulgar seus ensinamentos. Essa ordem poderia ser pontual, apenas para aquela ocasião, mas também pode ter sido tomada por muitos judeus como um indício de que Jesus viria apenas para salvá-los.

Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel (Mateus 10:5-6).

Em outra passagem no mesmo evangelho, um episódio, que por sinal causa muita discussão entre teólogos, reforça a ideia de que Jesus teria sido enviado apenas para os judeus. Segundo o relato de Mateus, uma mulher

¹¹ Talmude é um livro Sagrado dos judeus, que apresenta um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo. É um dos textos fundamentais da crença judaica.

estrangeira (cananeia) estava pedindo misericórdia por sua filha possessa, mas Jesus ignorou-a, até que seus discípulos pediram-lhe que a atendesse.

Jesus, partindo dali, retirou-se para a região de Tiro e de Sidônia. E eis que uma mulher cananéia, daquela região, veio gritando: "Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim: a minha filha está horrivelmente endemoninhada". Ele, porém, nada lhe respondeu. Então os seus discípulos se chegaram a ele e pediram-lhe: "Despede-a, porque vem gritando atrás de nós". Jesus respondeu: **"Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel"**. Mas ela, aproximando-se, prostrou-se diante dele e pôs-se a rogar: "Senhor, socorre-me!" Ele tornou a responder: **"Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos"**. Ela insistiu: "Isso é verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos!" Diante disso, Jesus lhe disse: "Mulher, grande é a tua fé! Seja feito como queres!" E a partir daquele momento sua filha ficou curada (Mateus 15. 21-27).

Além de declarar que teria sido enviado somente às "ovelhas perdidas da casa de Israel", Jesus usa uma figura de linguagem, referindo-se à mulher de forma pejorativa. Uma interpretação do texto poderia entender a forma como Jesus se referiu à mulher e, conseqüentemente, aos outros povos não judeus, como reprovável, pois revelaria preconceito de sua parte e poderia incentivar a mesma atitude nos judeus. A palavra cachorro era usada, às vezes, para se referir a povos inimigos de forma pejorativa, por isso, há quem argumente que o diminutivo foi introduzido pelos discípulos para não divergir da imagem que queriam passar do Cristo. Outra visão, porém, poderia entender que Jesus usou o diminutivo para tratar a mulher de forma afetiva e, ao mesmo tempo, testar sua determinação. O que podemos entender, no entanto, é que o diálogo que Jesus entretém com a mulher cananeia seria uma tentativa de relacionar sua vinda com o sacrifício posterior, de forma a salvar todos os povos, sem distinção alguma de raça ou de pátria. Da mesma maneira como o fez com seus discípulos no episódio da barca, em que Jesus teria caminhado sobre as águas (Mateus 14:26-31), Jesus estaria dando uma prova de como a fé opera milagres.

Vemos também, nessas passagens, o elo com a intenção sempre presente nas palavras de Jesus, claramente exposta pelo versículo 15:24: "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas". Esta passagem ilustra muito bem o objetivo de Jesus de romper com a punição ao pecado e colocar, nesse lugar, o perdão.

Os evangelhos apresentam um Jesus que não viria para arrebanhar os santos, os corretos, mas para salvar os pecadores. Esse caráter salvífico vai aparecer inúmeras vezes em diferentes passagens dos evangelhos, que o anunciam

como o “Filho de Deus”, como veremos a seguir, em algumas passagens de Mateus, as quais tentam legitimar essa imagem de Jesus. Vejamos como Mateus se refere à concepção de Jesus:

Tudo isso aconteceu **para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta**: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: "Deus está conosco" (Mateus 1:22).

Mateus se refere a Isaías em: “Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel” (Isaías 7:14).

Sobre o nascimento de Jesus em Belém, Mateus discursa:

Eles responderam: "Em Belém da Judéia, pois é isto que **foi escrito pelo profeta**: E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és o menor entre os clãs de Judá, pois de ti sairá um chefe que apascentará Israel, o meu povo" (Mateus 2:5-6).

Mateus, neste trecho, recorre a Miquéias: *“E tu, Belém Efrata, posto que pequena entre os milhares de Judá, de ti me sairá o que governará em Israel, e cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”* (Miquéias 5:2).

Sobre a Fuga da família de José para o Egito, Mateus detalha:

Ali ficou até a morte de Herodes, **para que se cumprisse o que dissera o Senhor** por meio do profeta: Do Egito chamei o meu filho (Mateus 2:15).

Mateus retoma as palavras de Oséias, quando este profeta adverte: “Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho (Oséias 11.1)”.

No que tange à cura de doenças, Mateus se remete à passagem de Isaías: “Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido” (Isaías 53:4) quando narra em seu evangelho:

Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças (Mateus 8:17).

Há ainda vários outros trechos, nos quais Mateus insere referências à Torá, demonstrando seu profundo conhecimento das escrituras judaicas e sua constante preocupação em comprovar o cumprimento de cada profecia na vida de

Jesus, em relação a todos os seus atos, até mesmo fatos aparentemente insignificantes:

Tendo recebido um aviso em sonho, partiu para a região da Galileia e foi morar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno (Mateus 2:22-23).

Para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz; porei sobre ele o meu espírito, e anunciará aos gentios o juízo. Não contenderá, nem clamará, nem alguém ouvirá pelas ruas a sua voz; não esmagará a cana quebrada, e não apagará o morrão que fumega, até que faça triunfar o juízo; E no seu nome os gentios esperarão (Mateus 12:17-21).

Em relação aos momentos finais de Jesus, temos uma imagem que diverge um pouco do que o evangelista passou durante toda a narrativa. O evangelista narra que Jesus clama por Deus com um grande grito, isto é, um grito de desespero. O Jesus, que possuía sempre domínio sobre as situações, aparece abandonado.

Por volta da hora nona, Jesus deu um grande grito: *Eli, Eli, lamá sabachtháni*; isto é: *Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?* (Mateus 27:46).

Jesus, porém, tornando a dar um grande grito, entregou o espírito (Mateus 27:50).

A narrativa de Mateus, muito semelhante a dos outros evangelhos sinóticos, mostra um Jesus que agoniza, sofre na hora da morte. Porém, esse distanciamento logo é retificado por eventos sobrenaturais, que levaram até mesmo um centurião romano e aqueles que o acompanhavam a reconhecer que Jesus era “filho de Deus”:

Nisso, o véu do Santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo, a terra tremeu e as rochas se fenderam. Abriram-se os túmulos e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram. E, saindo dos túmulos após a ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e foram vistos por muitos. O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, ao verem o terremoto e tudo mais que estava acontecendo, ficaram muito amedrontados e disseram: "De fato, este era filho de Deus!" (Mateus 27: 51-54).

Dessa forma, percebemos que, no evangelho de Mateus, fica clara a intenção da construção de uma imagem de um Jesus, que pudesse persuadir um público-alvo específico: os judeus. De acordo com nossas análises, é possível visualizar as várias referências aos textos da cultura hebraica, ou seja, o evangelista que se apresenta no Novo Testamento como autor desse evangelho tinha como

certeza, que seus leitores conheciam as leis e profecias da Torá. Por isso, acredita-se que esse evangelho tenha sido escrito para judeus ou judeus recém-convertidos ao cristianismo.

JOÃO

Durante a leitura do Evangelho de João, podemos perceber que sua narrativa não foi escrita apenas para os judeus, mas para um público cristão universal. As características desse Evangelho, que reforçam a tese de que ele possui um destinatário universal, são as passagens com notas explicativas, que aparecem entre parênteses, que traduziam palavras, revelavam qual seria a palavra original na língua hebraica ou esclareciam costumes judaicos. Essas notas explicativas indicam a intenção do evangelista em alcançar todos os públicos, mesmo aqueles que não possuíam conhecimentos da cultura hebraica. Vejamos alguns exemplos a seguir:

E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: Que buscais? Disseram-lhe: **Rabi (que quer dizer Mestre)**, onde assistes? (João 1. 38).

Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o **Messias (que quer dizer Cristo)**, e o levou a Jesus. Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado **Cefas (que quer dizer Pedro)** (João 1. 41-42).

Dito isto, cuspiu na terra e, tendo feito lodo com a saliva, aplicou-o aos olhos do cego, dizendo-lhe: Vai, lava-te no tanque de **Siloé (que quer dizer enviado)**. Ele foi, lavou-se e voltou vendo (João 9. 6-7).

Ouvindo Pilatos estas palavras, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado **Pavimento, no hebraico Gabatá** (João 19. 13).

Tomaram eles, pois, a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado **Calvário, Gólgota em hebraico**, onde o crucificaram e com ele outros dois, um de cada lado, e Jesus no meio (João 19. 17-18).

Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, lhe disse, **em hebraico: Rabôni (que quer dizer Mestre)**! Recomendou-lhe Jesus: Não me detenhas; porque ainda não subi para meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus (João 20. 16-17).

É possível depreender que esta preocupação de João em deixar claras as explicações dos termos é também uma maneira de exaltar a imagem de Jesus

como salvador. As expressões “Messias”, a menção à cura do cego e a retomada das palavras de Jesus “Subo para meu Pai” são testemunhos de uma personificação soteriológica de Jesus.

Na ocasião em que Jesus encontra uma mulher samaritana num poço de água, João fala do preconceito que os judeus detinham contra estrangeiros, para explicar um questionamento da mulher. Jesus havia mandado seus discípulos comprar comida e ficou sentado junto à fonte de água. Quando a mulher de Samaria chegou para tirar água para si, Jesus pede-lhe um pouco de água, mas a mulher pergunta-lhe:

Então, lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com os samaritanos)? (João 4.9).

Esse desentendimento entre os dois povos citados, fruto principalmente do preconceito que os judeus alimentavam contra os estrangeiros, como já explicamos, era de conhecimento, tanto dos judeus, como dos samaritanos, além dos muitos povos que habitavam aquela região. Porém, se alguém não tivesse conhecimento dessa discórdia, não poderia entender a pergunta da mulher, pois não saberia qual o problema de um judeu pedir água a uma samaritana. Logo, quando João explica o motivo da pergunta em seu evangelho, revela sua intenção em universalizar seu escrito, pois estaria pensando nas pessoas mais distantes, que não tinham nenhum conhecimento da cultura judaica. Vê-se também, nesta passagem de um Jesus que é livre de preconceitos e que ratifica sua função salvadora.

O Evangelho de João se inicia, quebrando o extremo paradigma monoteísta até então predominante na cultura judaica. Os judeus, apesar de haver indícios históricos de que já foram politeístas, tornaram-se tão monoteístas, que acreditavam que até mesmo espíritos ruins eram enviados por Deus, chamado na época de lahweh.

O espírito de lahweh tinha se retirado de Saul, e um mau espírito, procedente de lahweh, lhe causava terror. Então os servos de Saul lhe disseram: "Eis que um mau espírito vindo de Deus te aterroriza. Mande nosso senhor, e os servos que te assistem irão buscar um homem que saiba dedilhar a lira e, quando o mau espírito da parte de Deus te atormentar, ele tocará e tu te sentirás melhor" (I Samuel 16:14-16).

Assim, para os Judeus ortodoxos, nem existiria outro Deus, nem mesmo existiria Satanás, pelo menos não como um ser na forma antropomorfizada como o Cristianismo acredita. Prova disso é que durante boa parte do Antigo Testamento, mesmo as más ações, que iam contra o povo de Israel, eram atribuídas a Deus, como se tudo o que acontecesse, fosse bom ou mau, só pudesse ser por causa da vontade do lahweh.

Moisés e Aarão fizeram todos esses prodígios diante de Faraó. Mas lahweh endureceu o coração de Faraó, e ele não deixou os filhos de Israel partirem da sua terra (Êxodo 11.10).

Então a palavra de lahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, volta a tua face contra Jerusalém, profere a tua palavra na direção do santuário e profetiza contra a terra de Israel. Eis o que dirás à terra de Israel: Assim diz lahweh: Eis que estou contra ti; hei de tirar da bainha a minha espada e extirparei do meio de ti tanto o justo como o ímpio (Jeremias 21: 6-8).

É importante notar que esse monoteísmo extremo foi enfraquecendo ao longo do tempo, principalmente após o Exílio Babilônico, quando o reino de Israel foi conquistado, o primeiro templo sagrado construído por Salomão foi destruído e boa parte do povo hebreu foi levado cativo pelos persas. À época, a religião dos persas era o Zoroastrismo, que, apesar de ser monoteísta, admitia a existência de duas divindades, Aúra-Masda, que representava o bem, e Arimã, que representava o mal. Da luta entre essas duas divindades, o Bem sempre saíria vencedor. Esse contato teria influenciado a religião judaica, e prova disso é que em dois textos bíblicos, que se referem a um mesmo fato, podemos observar que os escritores discordam sobre o responsável por uma ação do rei Davi. No livro de Samuel, que foi escrito antes do contato com os persas, o ato de Davi é atribuído a lahweh, pois até então ele era responsável por todas as coisas, mas no livro de Crônicas, escrito após o cativeiro babilônico, Satanás aparece sendo responsabilizado pela ação de Davi.

A ira de lahweh se acendeu contra Israel e incitou Davi contra eles: "Vai", disse ele, "e faze o recenseamento de Israel e de Judá (II Samuel 24.1).

Satã levantou-se contra Israel e induziu Davi a fazer o recenseamento de Israel (I Crônicas 21.1).

Entretanto, Satanás não seria um ser independente, mas um espírito que estava subordinado à vontade divina. Porém, ainda assim era impensável a existência de outro Deus, tanto que a religião judaica continua monoteísta, não aceitando que Jesus seja filho de Deus, ou mesmo Deus.

Então, quando João fala sobre “o Verbo”, o narrador já estabelece a relação de igualdade Pai-Filho, afirmando que Jesus estava com Deus desde o princípio e que ele é o próprio Deus. Não apenas isso, mas também que sem Jesus, nada poderia ter sido feito, logo, ele não poderia ser menor do que o próprio Deus. João ainda afirma que o *verbo se fez carne*, logo, a encarnação de Jesus seria a encarnação do próprio Deus. Como reconhecidamente, no texto bíblico, cabe a Deus o poder de perdoar ou condenar, assim também caberia a Jesus esse poder.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito (João 1.1-3).

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade (João 1.14).

Essa visão a respeito de Jesus representa uma ruptura muito grande com o judaísmo ortodoxo. Como vimos, até então não havia crença em um filho de Deus, nem mesmo se imaginaria que Deus poderia habitar entre os homens, pois todas as suas aparições no Antigo Testamento foram rápidas e misteriosas. Podemos entender essa abertura do Evangelho de João como uma grande ousadia. Enquanto Mateus tenta basear suas afirmações em profecias antigas, que estariam se cumprindo em Jesus, para validar sua crença, João começa afirmando de forma categórica que Jesus era Deus. Obviamente, diante da forte crença monoteísta dos judeus, afirmar que Jesus é o próprio Deus soava como uma grande blasfêmia, por isso, era de se esperar que essas palavras causassem muita revolta entre os religiosos. Em outra ocasião desse mesmo evangelho, o próprio Jesus afirma “Eu e o Pai somos um” (João 10.30), o que quase resultou no seu apedrejamento.

Os judeus, outra vez, apanharam pedras para apedrejá-lo. Jesus, então, lhes disse: "Eu vos mostrei inúmeras boas obras, vindo do Pai. Por qual delas quereis lapidar-me?" Os judeus lhe responderam: "Não te lapidamos por causa de uma boa obra, mas por blasfêmia, porque, sendo apenas homem, tu te fazes Deus" (João 10. 31-33).

Fica evidente que para João, Jesus não seria apenas o Messias, um enviado por Deus para ajudar as pessoas, ele seria o próprio Deus, que teria descido à terra. Além disso, diferentemente de Mateus, João enfatiza, desde o início, que a missão de Jesus não estava limitada aos judeus. Apesar de dizer que Jesus teria vindo para eles, o evangelista afirma que a salvação estaria estendida a todas as pessoas que acreditassem na divindade do Messias.

Veio para o que era seu e os seus não o receberam. Mas a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus: aos que creem em seu nome (João 1.11-12).

João chama a atenção desde o início para a rejeição dos judeus em relação à imagem de Jesus como o Messias. A passagem à qual nos referimos anteriormente, João 1.11-12, destaca que ele teria vindo para “o que era seu”, mas “os seus não o receberam”. Apesar de todos os sermões, parábolas e feitos sobrenaturais narrados pelos evangelhos, vários trechos como esse revelam que os judeus, em geral, não aceitavam essa designação para Jesus. Alguns motivos contribuíram para isso, como o preconceito sobre o qual falamos.

Nicodemos, que era um deles (o que de noite fora ter com Jesus), disse-lhes: Porventura condena a nossa lei um homem sem primeiro o ouvir e ter conhecimento do que faz? Responderam eles, e disseram-lhe: És tu também da Galileia? Examina, e verás que da Galileia nenhum profeta surgiu (João 7:50-52).

Responderam, pois, os judeus, e disseram-lhe: Não dizemos nós bem que és samaritano, e que tens demônio? (João 8:48).

O fato de Jesus ter crescido na Galileia, fora de Jerusalém, já seria suficiente para ele ser tratado como um samaritano ou estrangeiro. Por isso, era muito difícil para os judeus aceitarem sua messianidade.

Enquanto Mateus se preocupa em construir a imagem de Jesus como o Messias que veio para salvar os judeus, recorrendo aos escritos hebraicos para alcançar seu objetivo, João constrói uma imagem soteriológica universal de Jesus.

Depois, sabendo Jesus que já todas as coisas estavam terminadas, para que a Escritura se cumprisse, disse: Tenho sede. Estava, pois, ali um vaso cheio de vinagre. E encheram de vinagre uma esponja, e, pondo-a num hissopo, lha chegaram à boca. E, quando Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito (João 19:28-30).

Ao narrar que Jesus teve sede, para “que se cumprisse a Escritura”, João faz referência ao Salmo 69:21¹², utilizando a legitimação através dos escritos judaicos, estratégia muito recorrente em Mateus. Após isso, ele narra os momentos finais da vida de Jesus. Primeiro, ele teria determinado o momento final com a frase “Está consumado”, o que afasta consideravelmente sua narrativa do Evangelho de Mateus, no qual a morte de Jesus ocorre de maneira dramática, com gritos de angústia e súplicas a Deus. Ao falar que estava consumado, o Jesus narrado por

¹² Deram-me fel por mantimento, e na minha sede me deram a beber vinagre (Sl 69:21)

João demonstra tranquilidade e poder até mesmo sobre a situação difícil que estava vivendo, como se tudo aquilo fosse planejado. Essa impressão se confirma quando João narra que Jesus “entregou o espírito”, em vez de morrer, tal como concebemos a morte nos nossos dias. A ação foi executada por Jesus, o que significa que ele teria poder sobre a própria vida. Logo, mesmo durante sua crucificação, Jesus é retratado como Deus.

Perto de concluir seu texto, João deixa explícito que sua intenção ao construir as narrativas do seu evangelho é convencer seus leitores a crerem que Jesus é o Messias, o próprio “Filho de Deus”. Isso ajuda a confirmar nossa hipótese de que os escritores procuram construir uma narrativa persuasiva, a partir da apresentação de uma imagem soteriológica de Jesus.

Jesus fez ainda, diante de seus discípulos, muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Esses, porém, foram escritos para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome (João 20:30-31).

Já ao final de seu evangelho, o discípulo ainda utiliza o argumento de que conviveu com Jesus, como forma de passar mais confiabilidade à sua narrativa, visto que, naquela época, muitos evangelhos estavam sendo escritos e distribuídos pelos cristãos.

Este é o discípulo que dá testemunho dessas coisas e foi quem as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro (João 21.24).

Com estas passagens, João, *o discípulo amado*, encerra uma dupla articulação entre as imagens de Jesus: a primeira parece concentrar a filiação divina de Jesus, colocando-o ao centro de sua exposição; a segunda, considera a personalidade salvífica de Jesus. Essa análise remete ao que Maingueneau (2008) trata por fiador do discurso.

Ambos os evangelhos, entretanto, ressaltam que os evangelistas, apesar de serem os narradores e terem vivido corpo a corpo com Jesus, expressam um desejo de se distanciarem de si mesmos e empreender um esforço de se colocarem à disposição da narrativa.

Isto posto, podemos assim afirmar que a imagem soteriológica de Jesus é construída por meio das narrativas de seus feitos junto a seus discípulos, a contento do que rezavam as escrituras, configurando um homem de atribuições divinas,

porém decisivamente arraigado à missão de livrar os homens do pecado, ao contrário do Deus da punição. Tais ações são anunciadas por profetas no Antigo Testamento e se confirmaram, segundo o Novo Testamento, pelas narrativas apresentadas pelos discípulos. Esta estreita relação entre as profecias e o cumprimento não implica, ao que pudemos compreender, uma linearidade expositiva. Podemos situar uma mútua implicação, que demanda uma compreensão de modo mais complexo.

5 CONCLUSÃO

Em verdade, em verdade, te digo: quando eras jovem, tu te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres.

João 21:18

Quando o Novo Testamento foi dado como documento sobre a vida e a obra terrena de Jesus, reunindo textos desde o ano 10 d.C. até por volta da Idade Média, com a invenção da imprensa, muitas versões foram escritas, recopiadas e possivelmente alteradas. É provável que grande parte destas alterações se deva à uma tentativa de melhorar o texto, fazendo correções ortográficas, gramaticais, estilísticas e até mesmo exegéticas. Num período obscuro e indefinido da Igreja, determinadas palavras poderiam gerar más interpretações. Por esta razão, os copistas, a fim de resguardar a essência do que era narrado, faziam alterações, algumas vezes, modificando o sentido, o que poderia suscitar uma nova versão do que se dizia. Podemos arriscar pensar que essas divergências modificaram o curso da história, mas sem pretender aqui sugerir que estamos corretos ao pensar assim.

Nosso estudo não levou em consideração as diferentes versões dos textos. Adotamos a Bíblia de Jerusalém por ser aquela que foi traduzida conjuntamente por católicos e protestantes.

Nosso estudo teve como objetivo, por meio da análise dos evangelhos de João e Mateus, evangelistas escolhidos por terem sido aqueles que conviveram com Jesus, analisar como o conjunto das construções narrativas dos Evangelhos de Mateus e João consolida um projeto de dizer heterobiográfico, que legitima o *ethos* soteriológico de Jesus em sua missão na Terra. Para este estudo, que para nós inicialmente foi bastante difícil, dada nossa concepção religiosa, adotamos o procedimento de análise documental.

Nossa coleta documental compreendeu os quatro livros, que compõem o Novo Testamento dos quais elegemos nosso corpus, a saber, somente os

evangelhos de Mateus e de João. Essa escolha se deveu ao conhecimento compartilhado de que João e Mateus foram testemunhas oculares dos feitos de Jesus. As passagens destacadas dos evangelhos foram aquelas que traziam detalhadamente ações que determinariam Jesus em seu caráter soteriológico.

Analizamos os evangelhos à luz das teorias sobre imagem de si e do outro, de Amossy (2011), Maingueneau (2007; 2008) e Tavares (2015). A perspectiva que adotamos de visualizar os evangelhos como construções biográficas, para além de representativas da imagem de Jesus - como uma descrição -, nos levou a refletir sobre as inúmeras convergências entre o que foi anunciado no Antigo Testamento e o que se testemunhou e foi descrito no Novo Testamento. Deste modo, a antiga Aliança de Deus com os homens, por meio dos Dez Mandamentos, reformulada pela Nova Aliança anunciada, mesmo anterior ao nascimento de Jesus, quando da concepção e da visita do anjo Gabriel a Maria, da visita do anjo a José, formula uma tensão positiva que aproxima as profecias dos fatos narrados. Poderíamos pensar em uma retextualização das escrituras e da criação desse fenômeno chamado Jesus. Não tendo sido este nosso objetivo de estudo, concentramo-nos em analisar de que maneira esse Jesus do Novo Testamento é narrado pelos discípulos para captação de novos cristãos, por meio de provas de que o Messias prometido pelo Antigo Testamento de fato veio: a promessa foi cumprida e Deus enviou o Salvador.

Desse modo, quando atraímos a discussão para nosso objeto, verificamos que a conquista de novos adeptos “fiéis” da doutrina cristã não deve ser negligenciada na leitura dos textos, em especial, por ressaltarem, sob este ângulo soteriológico, que os escritores recontam, de maneira pouco explícita, é verdade, os acontecimentos que viram ou os eventos que se cumpriram entre as pessoas daquela geração e daquela região. Há nos textos fragmentos de testemunhos do percurso de Jesus humano, que tem fome, que tem sede, que dorme; em sua totalidade em perspectiva de seus milagres, de sua morte e ressurreição, tecido de maneira que o relato de que dispomos hoje é atravessado pela sua própria lógica unificante, estruturalmente narrativizante - com a inserção do conflito extenuante da prisão, do flagelo, da crucificação e da resolutividade da ressurreição e da ascensão aos céus. Compreendemos, assim, que a função salvífica do Cristo pela sua morte -

indispensável para que ele assumisse o poder salvador do mundo - é prevista e explicitada como legitimadora da narrativa de intenção persuasiva.

Resumindo o que alcançamos em nossa pesquisa a partir do estabelecimento de nossos objetivos específicos, ressaltamos que chegamos a confirmar nossas hipóteses, conforme demonstramos a seguir:

1 - Identificar as características do projeto de dizer narrativo construído nos evangelhos em análise.

Os escritores dos evangelhos utilizaram diferentes estratégias discursivas para construir suas narrativas a respeito da vida de Jesus. Nessas narrativas, colocaram suas impressões do que viram, ouviram ou lembravam da figura de Jesus. Tais construções podem ser tratadas como textos biográficos, ainda que não se acredite em tudo o que é narrado. Assim, consideramos que as estratégias discursivas utilizadas pelos autores para narrar a vida de Jesus em seus evangelhos podem nos ajudar a entendê-los como textos biográficos.

Essa percepção nos conduz a responder a nosso questionamento sobre os projetos de dizer dos evangelistas, pois temos esse a priori da intencionalidade em, retratando o poder salvífico de Jesus - filho de Deus -, concentrar nas descrições e narrações dos fatos vividos por este personagem sua característica de Salvador, tal como se vê no início do evangelho de Mateus, quando da descrição da intervenção do anjo junto a José:

“José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados’. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta” (Mateus 1: 20-22).

2- Descrever os mecanismos linguísticos para a construção do ethos soteriológico de Jesus;

Sabemos que todo discurso é direcionado a um público-alvo específico, que é levado em conta quando o enunciador planeja revelar uma imagem de si, mesmo que inconscientemente. Existem diferentes construções discursivas da imagem de Jesus em cada evangelho. Consideramos que cada escritor buscou construir uma imagem discursiva, exaltando uma imagem específica de Jesus,

influenciados não só pelas suas crenças, impressões, mas também por seus possíveis interlocutores.

3 - Analisar de que maneira o *ethos* de Jesus construído pelos escritores em cada evangelho é usado como fiador dessas narrativas persuasivas

Sabendo que cada imagem de Jesus narrada e representada em cada evangelho tem características distintas, observamos, no decorrer da pesquisa e das leituras dos evangelhos, que essas diferenças existem com um propósito: cada enunciador buscava legitimar seu evangelho, utilizando o *ethos* então exposto como fiador de suas narrativas. Mateus, especificamente, faz recurso ao Antigo Testamento para tratar das profecias dos patriarcas. João universaliza sua imagem de Jesus e utiliza o argumento do testemunho como forma de legitimá-la. Dessa forma, consideramos que a escolha da face representada de Jesus a cada texto analisado é claramente intencional, funcionando como uma estratégia discursiva para reforçar a persuasão dos seus escritos.

Vemos, então, que quando nos propomos a escrever uma biografia, partimos do pressuposto de que estamos diante de verdades, ou pelo menos verdades negociadas, porém, é impossível pretender que tudo o que se escreveu seja verdade, o que não torna esta narrativa uma ficção. O estudo dos textos levantou uma questão elaborada por Vilas Boas (2008, p. 153), já referida por nós neste documento: “o biógrafo pode atingir a verdade sobre o biografado?”. Não nos cabe no presente estudo, responder este questionamento, mas podemos intuir como questões para estudos futuros. Consideramos, a partir das análises que elaboramos anteriormente que, nas biografias, devemos nos lembrar de que todo ato discursivo imprime uma subjetividade do enunciador no seu discurso. Logo, a verdade não pode ser critério para considerar o que é ou não é uma narrativa biográfica, mas a construção discursiva terá menor ou maior valor de verdade, segundo as estratégias discursivas postas em evidência para garantir que a imagem construída pelo narrador sirva como garantia da veracidade do discurso narrado. Deste modo, Jesus, nos evangelhos, é muito mais que uma personagem religiosa e líder de uma crença, é uma imagem discursiva, que garante aos seguidores a segurança de uma salvação.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do éthos. Tradução Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ARANTES, Marilza Borges. **A argumentação nos gêneros fábula, parábola e apólogo**. 2006. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/2268/1/Argumenta%C3%A7%C3%A3oG%C3%AAnerosF%C3%A1bula.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2013
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 3ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005 (Col. Biblioteca de Autores Clássicos).
- ARAÚJO, Júlio César Rosa de. **Os chats**: uma constelação de gêneros na internet. 2006. 341 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas sumérias à guerra do Iraque. Trad. Léo Schlafman. São Paulo: Ediouro, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HICITEC, 1986.
- _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.
- _____. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Planeta, 2006.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005. p. 284 - 293.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de Vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução de Zuleide Aleves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. Revisão científica: Maria da Conceição Passegi e Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 2002.
- BLOMBERG, Craig L. **Jesus e os evangelhos**: uma introdução ao estudo dos 4 evangelhos. Trad. Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- _____. **Questões cruciais do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica." In: *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. 2. ed. p. 183-191.

BRASIL. Constituição (1891). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1891. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>. Acesso em: 01 ago. 2015.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997. 556 p.

CARVALHO, A. et al. *Aprendendo Metodologia Científica*. São Paulo: O nome da Rosa, 2000, pp. 11-69

CRESTANI, J. L. O gênero da parábola e a forma do paradoxo: narrativas de subversão. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 4;

COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1, 2010, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2010. Disponível em: <<http://anais2010.cielli.com.br>> Acesso em 12 dez. 2012.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística**: dizer e não dizer. Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1972.

FERREIRA, João Cesário Leonel. **E ele será chamado pelo nome de Emanuel**: o narrador e Jesus Cristo no evangelho de Mateus. 2006. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, mar.2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FRANÇOIS, Frédéric. A narrativa: espaço de jogo, experiência(s) e reflexão. In: DEL RÉ, Alessandra; DE PAULA, Luciane; MENDONÇA, Marina Célia. **Explorando o Discurso da Criança**. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 199-230.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. Atlas: São Paulo, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Título original: The presentation of self in everyday life.

GREENLEAF, Simon. **The Testimony of the Evangelists, Examined by the Rules of Evidence Administered in Courts of Justice**. London: 1847. 2. ed. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/34989/34989-pdf.pdf>> Acesso em: 01 ago 2015.

IBGE. **Censo demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

<<http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=794>> Acesso em: 01 ago 2015.

ISIDRO PEREIRA, S. J. **Dicionário Grego – Português e Português – Grego**. 8. ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

KERMODE, Frank. Introdução ao Novo Testamento. In: ALTER, Robert; _____ (Eds). **Guia literário da Bíblia**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp. 1997a. p. 403-415.

KLOSTERMAIER, K. **Libération, le salut, la réalisation de soi**: une étude comparative des hindous, bouddhistes, et les idées chrétiennes (1973). Disponível em: <<http://mb-soft.com/believe/tfxm/salvatio.htm>> Acesso em: 01 ago 2015.

KOCH & TRAVAGLIA, Ingedore Villaça & Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KURZ, Otto; KRIS, Ernst. **Lenda, Mito e Magia na Imagem do artista**: uma experiência histórica. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992

LESKY, Albin. **Historia de la Literatura Griega**. Versão espanhola de José Maria Díaz Regañon e Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos. 1969. 1003 p.

MAIA-VASCONCELOS, S. **Orthodoxie et hétérodoxie en récits de formation**: une expérience brésilienne auprès d adultes en reprise d'études. Chemins de Formation, v. 19, p. 252-271, 2015

_____. **Histórias de Formação e professores para a Classe Hospitalar**. Revista Educação Especial, n. 51, v. 28, Santa Maria, 2015, p. 27-40.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; tradução Adail Sobral...[et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010 (Lingua[gem]).

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Gênese dos discursos**. Tradução: Possenti, Sírio. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MALCOLM, Janete. **O jornalista e o assassino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **The Development of Greek Biography**. Expanded ed. Cambridge: Harvard University Press, 1993. 143 p.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. **História da literatura cristã antiga grega e latina: I – de Paulo à era constantiniana**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1996. 576 p.

OLIVEIRA, Esther Gomes de. **Argumentação: da Idade Média ao Século XX**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 7/2, p. 109-131, dez. 2004

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

MATON, K (2000). **Languages of Legitimation**: the structuring significance for intellectual fields of strategic knowledge claims. *British Journal of Sociology of Education* 21(2): 147-167. Disponível em: <http://www.karlmaton.com/pdf/2000BJSE.pdf>. Acesso em 17 jul 2015.

MONDONI, Danilo. **História da Igreja na Antiguidade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão (Rev. da Trad. Eduardo Brandão) 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005

PINEAU, G. **As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial**. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 329-346, maio/ago. 2006.

PIRES, Maurício. **A Religião e o Estado Laico**, Disponível em: <<http://mauriciopiresadvogado.jusbrasil.com.br/artigos/167709988/a-religiao-e-o-estado-laico>>. Acesso em 17 jul 2015.

POLIVANOV, B. B. **Dinâmicas de autoapresentação em sites de redes sociais: performance, autorreflexividade e sociabilidade em cenas de música eletrônica**. 2012. 278 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

PONGA, Fr. Silouane. **Toute chair verra le salut de Dieu: cours de sotériologie**. In: *L'évangile selon saint Matthieu*. Éditions des Béatitudes: Burtin, 1999. Disponível em: <http://www.dogmatique.net/Cours_de_soteriologie.pdf>. Acesso em: 01 ago 2015.

POSTAL, Jairo. **Imagem caleidoscópica de Jesus**. 2010. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, dez.2010.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SIQUEIRA, Karina Aragão de. **Ortodoxia e Heterodoxia nos Relatos de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica**: amar a si mesmo como ao próximo. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

TALBERT, Charles H. **Once Again**: Gospel Genre. Semeia, Atlanta, n. 43, p. 53-73, 1988.

TAVARES, M. L. F. **Narrativas de si em cena**: a dramaturgia das interações no Twitter. 2015. 150 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira. **Apócrifos II**: os proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 2005.

_____. **Apócrifos I**: os proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1995.

_____. **Apócrifos III**: os proscritos da Bíblia. São Paulo: Mercuryo, 2003.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2008.